



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Denilson Brasileiro Do Prado**

**Religiosidade na escola: um estudo da convivência entre os estudantes do  
Colégio Estadual Governador Roberto Santos**

**Salvador, BA**

**2017**

**DENILSON BRASILEIRO DO PRADO**

**Religiosidade na escola: um estudo da convivência entre os estudantes do  
Colégio Estadual Governador Roberto Santos**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais como requisito para obtenção do grau de licenciado em Ciências Sociais no Departamento de Educação – DEDC, Campus I, Salvador- Bahia da Universidade do Estado da Bahia.

Orientação: Prof<sup>a</sup>. M.<sup>a</sup> Iêda Rodrigues da Silva Balogh.

**Salvador, BA**

**2017**

**DENILSON BRASILEIRO DO PRADO**

**Religiosidade na escola: um estudo da convivência entre os estudantes do  
Colégio Estadual Governador Roberto Santos**

Monografia submetida à aprovação da Banca Examinadora, como requisito para conclusão do curso em Licenciatura em Ciências Sociais, no Departamento de Educação do Campus I, da Universidade do Estado da Bahia.

Aprovada em: 18 de agosto de 2017

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup>. M.<sup>a</sup> Iêda Rodrigues da Silva Balogh - Orientadora

Universidade do Estado da Bahia

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Patrícia Lessa Costa

Universidade do Estado da Bahia

---

Prof<sup>ª</sup>. M.<sup>a</sup> Regina Lúcia Bastos Vieira

Universidade do Estado da Bahia

À minha mãe Guilhermina e à  
memória do meu pai Daniel.

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe Guilhermina e ao meu pai Daniel (*in memoriam*) pelo alicerce que representam em minha vida, e pelo apoio incondicional que sempre me possibilitaram, ajudando-me a superar todos os desafios para a realização desse sonho, meu e deles.

À minha irmã Marilde e aos meus irmãos Hélio, Adilson, Otaviano e Valterly pelo apoio e companheirismo.

A todos os educadores do curso de Ciências Sociais da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e a todos os demais que, desde os meus primeiros anos escolares, contribuíram para a minha formação pessoal e profissional.

Aos colegas estudantes do curso de Ciências Sociais pelo aprendizado mútuo.

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Iêda Balogh, pelo importante apoio para a concretização deste trabalho.

Aos funcionários do Departamento de Educação do Campus I da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) pelo apoio dispensado a nós, estudantes, durante essa caminhada.

À equipe do Colégio Estadual Governador Roberto Santos (CEGRS) e, de modo especial, a todos os estudantes que nos acolheram e colaboraram para a realização da pesquisa de campo.

A todos os demais que, direta ou indiretamente, colaboraram para essa conquista.

“Ele pensa que faz do amor sua profissão de fé, só que faz da fé profissão. Aliás, em matéria de vender paz, amor e axé, ele não está sozinho, não”.

(Gilberto Gil)

## RESUMO

Este trabalho monográfico tem como tema a “Religiosidade na escola”, questionando como se dá a convivência entre os estudantes no Colégio Estadual Governador Roberto Santos (CEGRS) em razão das diferentes opções religiosas e de que modo a orientação religiosa interfere (ou não) no cotidiano escolar. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, realizada por meio de entrevistas grupais e de observação não participante, analisadas à luz do conhecimento teórico produzido por diversos autores clássicos e contemporâneos que tratam dos temas religião e religiosidade, diversidade religiosa, identidade, intolerância religiosa e sobre a relação entre religião e educação em nossa sociedade em seu processo histórico e social. A partir da análise dos diversos aspectos relativos ao tema evidenciados durante as entrevistas, em sua relação com a teoria estudada, concluímos que os estudantes do CEGRS entendem de modos diferentes e, por vezes, divergentes, o que se passa no colégio, tendo, desse modo, apurado que a escola vive situações de conflitos entre os estudantes em razão das diferenças religiosas, porém, nem sempre entendidas dessa forma. Concluímos, ainda, que a orientação religiosa interfere no cotidiano escolar ao intervir no exercício da liberdade dos estudantes em suas relações com os colegas e, por conseguinte, na constituição do espaço escolar como um ambiente democrático.

**Palavras-chave:** Escola. Diversidade Religiosa. Convivência. Intolerância Religiosa.

## **ABSTRACT**

This monograph focuses on the theme of “Religiosity in school”, questioning how students at the Colégio Estadual Governador Roberto Santos (CEGRS) interact in light of their different religious beliefs, and how religious orientation interferes (or does not interfere) with daily school life. This is a qualitative research study, conducted through group interviews and non-participant observation, analyzed in light of the theoretical knowledge produced by various classic and contemporary authors who address the themes of religion and religiosity, religious diversity, identity, religious intolerance, and the relationship between religion and education in our society within its historical and social context. Based on the analysis of the various aspects related to the topic highlighted during the interviews, in relation to the theory studied, we concluded that the students of CEGRS understand what happens at the school in different, and sometimes divergent, ways. Thus, we found that the school experiences conflicts among students due to religious differences, although these differences are not always understood in this way. We also concluded that religious orientation interferes with daily school life by interfering with the exercise of students’ freedom in their relationships with their peers and, consequently, with the constitution of the school space as a democratic environment.

Keywords: School. Religious Diversity. Coexistence. Religious Intolerance.

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1 Distribuição dos entrevistados por sexo.....</b>	<b>44</b>
<b>Gráfico 2 Distribuição dos entrevistados por idade.....</b>	<b>45</b>
<b>Gráfico 3 Distribuição entre estudantes religiosos e não religiosos.....</b>	<b>45</b>
<b>Gráfico 4 Distribuição das religiões praticadas pelos entrevistados.....</b>	<b>46</b>
<b>Gráfico 5 Distribuição dos estudantes cristãos por movimento religioso.....</b>	<b>47</b>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 METODOLOGIA ADOTADA NESSA PESQUISA.....</b>	<b>15</b>
<b>2.1 A INVESTIGAÇÃO EM CAMPO .....</b>	<b>19</b>
2.1.1 O Colégio Estadual Governador Roberto Santos (CEGRS).....	19
2.1.2 A pesquisa de campo no CEGRS .....	19
2.1.3 As entrevistas no CEGRS.....	20
2.1.4 A análise dos dados .....	21
<b>3 O QUE A TEORIA NOS DIZ SOBRE RELIGIÃO.....</b>	<b>24</b>
<b>3.1 A RELIGIÃO EM DURKHEIM .....</b>	<b>24</b>
<b>3.2 RELIGIÃO E EDUCAÇÃO, UMA ANÁLISE HISTÓRICA DESSA RELAÇÃO NO BRASIL .....</b>	<b>28</b>
<b>3.3. A SOCIEDADE E A DIVERSIDADE RELIGIOSA .....</b>	<b>34</b>
<b>4 OS RESULTADOS DA PESQUISA .....</b>	<b>44</b>
<b>4.1 O PERFIL DOS ENTREVISTADOS.....</b>	<b>44</b>
<b>4.2 A RELAÇÃO INDIVÍDUO/RELIGIÃO .....</b>	<b>47</b>
<b>4.3 O NÍVEL DE ACEITAÇÃO DA DIVERSIDADE RELIGIOSA PELOS ESTUDANTES .....</b>	<b>52</b>
4.3.1 O reconhecimento da diversidade religiosa pelos estudantes.....	52
4.3.2 O reconhecimento da intolerância religiosa pelos estudantes .....	53
4.3.3 A convivência entre os estudantes.....	57
4.3.4 A defesa da liberdade religiosa pelos estudantes.....	67
<b>4.4 A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES ACERCA DA RELAÇÃO COM A DIVERSIDADE RELIGIOSA NO CONTEXTO ESCOLAR.....</b>	<b>70</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>74</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>83</b>

# 1 INTRODUÇÃO

A escola representa uma experiência importante para a vida dos jovens e, muitas vezes, determinante em sua trajetória pessoal e em suas relações com o mundo que o cerca. O ambiente escolar apresenta uma diversidade de tipos de estudantes que, por sua vez, apresentam um diversificado perfil, portanto, maior será a possibilidade de diferentes opções religiosas convivendo no mesmo espaço o que, não raro, atualmente, configura-se em motivos para situações conflituosas.

Os estudantes ao se verem em dificuldades de convivência em função da incompreensão e da não aceitação das diferenças, inclusive religiosas, terminam por sofrerem alguma forma de exclusão, ou mesmo, as dificuldades nas relações entre eles acabam se tornando empecilhos para o processo de socialização que deveria acontecer na escola.

Sendo a escola um ambiente onde as pessoas convivem, partilhando experiências e saberes, surge a necessidade de saber como andam essas relações, considerando a escolha religiosa de cada um, quando há, e como o outro recebe e lida com a escolha diferente da sua.

Desse modo, frente a realidade visível da manifestação do desrespeito à individualidade, nesse caso, do desrespeito à liberdade religiosa no ambiente escolar, investigar a convivência entre os estudantes para entender como se dá essa relação, permeada pelas diversas opções religiosas é, de fato, importante. E então, a partir do conhecimento adquirido da situação, indicar alternativas que viabilizem um maior conhecimento sobre a diversidade e a aceitação das diferenças, considerando que também esse tipo de violência, por ser um fenômeno construído em sociedade, pode e deve ser desconstruído.

Considerando que a religião, com seus preceitos, perpassa constantemente a vida individual e coletiva dos indivíduos e, por mais que estes não estejam vinculados a nenhuma instituição religiosa, suas convicções e atos são estruturados também pelas religiões e, mais ainda, que os indivíduos demonstram por meio de seu comportamento a importância da dimensão das crenças pessoais em sua vida, considero que religião e religiosidade compõem uma temática muito cara para as Ciências Sociais.

O interesse e o comprometimento que nos instiga a enveredar pelos caminhos da pesquisa em religiosidade dizem respeito à inquietação diante dos conflitos motivados pelo desrespeito ao outro, pela não aceitação das diferenças religiosas, pela não aceitação da liberdade de escolha, pelo não saber ou mesmo pelo não querer conviver com diferentes modos de culto ao sagrado. Enfim, diz respeito a questões sobre religião e religiosidade e sobre a não aceitação da diversidade desse campo, desembocando em preconceitos e discriminações.

A relação do tema da religião ao da educação, proposta para esse estudo, teve como escolha para a sua realização uma escola, o Colégio Estadual Governador Roberto Santos (CEGRS). Assim, fizemos essa junção para estudar as relações permeadas pela religiosidade no ambiente escolar.

As intenções com esse trabalho de pesquisa estão relacionadas à consciência da importância desse campo de pesquisa, ao comprometimento do cientista social com a temática e à aplicabilidade prática do resultado dessa pesquisa em contexto social, mais especificamente no contexto escolar. E, a partir daí, a procura pela compreensão da problemática que acontece nas relações permeadas pela religiosidade, como ela é vivida socialmente, tentando tornar profícuo este estudo.

Compreendendo a religião e a escola como importantes fatores de socialização, o presente estudo, com o tema a “Religiosidade na escola”, trata do relacionamento entre os estudantes do CEGRS em razão das diferentes opções religiosas presentes na escola.

Considerando a importância das religiões e da religiosidade para a sociedade contemporânea e o recrudescimento das questões relativas à convivência, quando há divergência em relação às opções religiosas, somando-se a isso a necessidade de contribuir para o bom relacionamento entre os estudantes no ambiente escolar, essa pesquisa investigou como se dá a convivência entre os estudantes no CEGRS em razão das diferentes opções religiosas, e de que modo a orientação religiosa interfere (ou não) no cotidiano escolar. Objetivando, então, entender as especificidades da relação indivíduo/religião, o nível de aceitação da diversidade religiosa pelos estudantes e conhecer, a partir da observação dos atores, a percepção que eles têm acerca da relação com a diversidade religiosa no contexto escolar. Mais especificamente, procurou entender como se dá a construção da religiosidade do indivíduo na atualidade e como isso interfere nas relações sociais; e, no que diz respeito a esse estudo, entender como isso afeta as relações no ambiente escolar do CEGRS.

Este trabalho está organizado tendo como ponto de partida a apresentação da metodologia escolhida para nortear a pesquisa, de modo que os métodos e técnicas adotados foram apresentados, detalhados, conceituados e justificados por suas escolhas. A investigação em campo detalha aspectos da realização da pesquisa: o contato inicial com o CEGRS; seguido de um breve histórico da escola; como se deu o processo de entrevistas, considerando o contato com os estudantes e suas condutas nas sessões de entrevistas; sobre os resultados possibilitados pela entrevista coletiva e pelos instrumentos de coletas de dados empregados na pesquisa de campo; e sobre o processo de análise dos dados coletados, salientando a importância da teoria estudada e dos instrumentos que possibilitaram a satisfação dos objetivos propostos para o trabalho.

Em seguida, apresento os estudos teóricos que serviram como embasamento para o empreendimento da pesquisa de campo, e para posterior análise dos dados coletados, destacando o estudo sobre religião e religiosidade em Durkheim (1996; 2001); um levantamento sobre religião e educação com enfoque especial para a história da educação no Brasil com base em Aranha (1989), Pilletti e Pilletti (1995) e Gal (1989) e, ainda, uma análise sobre as consequências desse processo na educação brasileira. Mais adiante, apresento um estudo sobre a sociedade e a diversidade religiosa, abordando a importância social do fator religião/religiosidade; o papel da família na constituição de cidadãos; a escola como fator de socialização dos indivíduos; a ação dessas instituições enquanto fatos sociais. Destacando, ainda, aspectos relativos à identidade, à diversidade e à intolerância religiosas, tendo todas essas questões sido abordadas com base em Alves (1981), Berger (1985), Berger e Luckmann (2014), Weber (2004), Silva (2012) e Souza (2013), entre outros autores.

Em seguida, apresento os resultados da pesquisa, detalhando os dados coletados em campo e interpretados à luz dos conhecimentos teóricos adquiridos sobre o tema: o perfil dos estudantes participantes das entrevistas; como eles compreendem a relação do indivíduo com a religião, em uma análise sobre como eles se relacionam com a religião, mas também como eles observam a relação das outras pessoas com a religião e, ainda, sobre a influência que a religião exerce em relação aos indivíduos; sobre o nível de aceitação da diversidade religiosa pelos estudantes, abordando o reconhecimento da diversidade religiosa brasileira e o reconhecimento dessa diversidade no âmbito do CEGRS, assim como da existência de outras formas de concepções sobre religiosidade e de não-religiosidade no Colégio.

Ainda, tratando dos resultados da pesquisa, abordamos o reconhecimento, pelos estudantes entrevistados, da intolerância no Brasil e no CEGRS, as suas faces e formas, suas causas e consequências; as especificidades da convivência entre os estudantes do Colégio, considerando as convergências e as divergências presentes nas declarações e nas atitudes que foram manifestadas nas sessões de entrevistas; a defesa da liberdade religiosa também foi expressa pelos estudantes ao evidenciarem o desejo da religião como fator de união e de respeito; a percepção dos estudantes sobre a relação com a diversidade religiosa no ambiente escolar, considerando as observações sobre as declarações, as atitudes, o ambiente das sessões de entrevistas, em razão de estarem todos tratando do tema da religião e da religiosidade e expondo suas concepções ao embate, assim como as observações nos outros espaços do CEGRS.

Nas considerações finais, apresentamos as respostas obtidas para a pergunta de partida e para os objetivos determinados para a pesquisa; considerações sobre os aspectos positivos e negativos da influência da religião sobre os indivíduos; propostas de ações que envolvem instituições sociais como a escola e a família, com vistas à superação da problemática que envolve a intolerância religiosa. Salientamos o papel do indivíduo, como ser social, nos mais diversos ambientes que frequenta, inclusive na escola, nesse processo de reestruturação das mentalidades individuais e coletivas para a promoção de um diálogo inter-religioso, com vistas à constituição de um mundo realmente solidário. Destacamos, ainda, a importância das Ciências Sociais como importante instrumento para o conhecimento das causas e consequências dessa problemática social, e como mediadora de condições que viabilizem o processo de transformação dessa realidade.

Considerando a escola como espaço de convivência necessariamente democrático, e com a consciência de que as relações entre os estudantes no ambiente escolar apresentam dificuldades no que diz respeito ao fator religião/religiosidade, intentamos, por meio desse estudo, entender os motivos que explicam tal situação a partir da captação da realidade.

Portanto, esse estudo buscou a compreensão das mensagens, explícitas e implícitas, passadas pelos participantes da pesquisa de campo, ancoradas a partir de conceitos e concepções estabelecidos pela teoria produzida por estudiosos do tema analisado, procurando identificar e analisar os pormenores das respostas fornecidas à pesquisa, como meio de satisfazer ou de oferecer resposta para o problema apresentado. Desse modo, representa mais um instrumento

para a compreensão das relações estudantis, em razão de frequentarem o mesmo espaço e serem adeptos de religiões diferentes, ou mesmo por terem concepções diferentes sobre religião e religiosidade.

Destarte, poderemos entender melhor como se dá o relacionamento entre os estudantes, religiosos ou não, em razão da diversidade religiosa presente no CEGRS, localizado no bairro do Cabula, na cidade de Salvador, no estado da Bahia. O tema estudado representa um problema relacionado a questões muito evidentes na sociedade, desde sempre muito presente nas sociedades espalhadas pelo mundo.

## 2 METODOLOGIA ADOTADA NESSA PESQUISA

Nas Ciências Sociais, a pesquisa qualitativa, adotada para este estudo, trabalha com questões que se referem a aspectos relacionados à visão e ao modo de agir dos sujeitos em suas relações. O problema abordado pelo pesquisador é condicionado social e historicamente. Sobre o método qualitativo Tozoni-Reis (2005, p. 10) considera que:

[...], muito se tem avançado na ideia de que é preciso considerar que os fenômenos humanos e sociais nem sempre podem ser quantificáveis, pois, como afirma Minayo (1998), trata-se de um “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. A pesquisa qualitativa defende a ideia que, na produção de conhecimentos sobre os fenômenos humanos e sociais, nos interessa muito mais compreender seus conteúdos do que descrevê-los, explicá-los.

Este estudo se fez, em primeiro lugar, a partir de uma revisão bibliográfica com autores clássicos e contemporâneos, contemplando leituras de livros e artigos que tratam do tema da pesquisa. Privilegiando leituras da Sociologia da Religião, os estudos incluíram os temas de religião e religiosidade, diversidade religiosa, identidade e intolerância religiosa em suas interações com os diversos setores sociais e, também, a relação entre religião e educação em nossa sociedade em seu processo histórico e social.

Os estudos empreendidos sobre essas questões, compreendendo desde registros mais antigos ao estágio atual dos acontecimentos, possibilitaram que o pesquisador se informasse, mais e melhor, sobre o tema.

Compreender a relação entre a fundamentação teórica e o campo a ser pesquisado se faz importante, de modo que não ocorra distanciamento entre esses dois componentes do trabalho científico que, por sua vez, possibilitará que possamos compreender os pormenores do que foi apurado em campo. E, assim, poderemos ir mais além do que os resultados apresentam superficialmente, desvendando os detalhes que se escondem nas entrelinhas das declarações.

A teoria empregada nesse estudo apresenta diversos autores que estudam sobre o tema religião/religiosidade em diversos contextos sociais, de modo que propiciou ao pesquisador a sua conexão com o tema pesquisado. Observando que a pesquisa teórica se estendeu durante

quase todo o processo de escrita deste trabalho, pois compreendemos que a teoria é o meio de fundamentar o caminho a ser trilhado pelo pesquisador.

A etapa seguinte da pesquisa compreendeu a pesquisa de campo, quando o pesquisador adentrou o espaço do Colégio Estadual Governador Roberto Santos (CEGRS) para a coleta de dados, tendo em vista a obtenção das informações que respondessem aos objetivos determinados para esse estudo.

Lakatos e Marconi (2003, p. 186) afirmam que a pesquisa de campo: “Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los. [...]” A aproximação do objeto do estudo possibilitou ao pesquisador o alcance das respostas para as suas indagações, passando a conhecer mais sobre o tema a partir da realidade captada, e produzindo, a partir daí, novos conhecimentos e/ou mesmo aprofundando conhecimentos que já existem sobre o assunto.

A pesquisa foi do tipo exploratório-descritivos combinados que Lakatos e Marconi (2003, p. 188) consideram que “[...] são estudos exploratórios que têm por objetivo descrever completamente determinado fenômeno, [...]”. Gil (2002, p. 42), por sua vez, considera: “As pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a ação prática. [...]”.

Os grupos entrevistados somaram 45(quarenta e cinco) estudantes do 2º ano do Ensino Médio da unidade pública de ensino CEGRS. Os estudantes entrevistados fazem parte de 03 (três) classes dessa série, sendo 01(uma) turma do turno matutino; 01(uma) turma do turno vespertino e 01(uma) turma do turno noturno. Todos os entrevistados prestaram informações que, de fato, satisfizeram aos questionamentos da pesquisa.

A coleta de dados na pesquisa de campo ocorreu por meio da observação não participante, de entrevistas semiestruturadas e de ficha de informações preliminares. As entrevistas foram realizadas de forma grupal com a coleta de informações que respondessem, objetivamente ou subjetivamente, aos questionamentos do pesquisador.

Elemento básico da pesquisa científica, a observação proporcionou a coleta de importantes informações sobre o comportamento dos participantes, mas que em parte não foram explicitadas por meio de suas declarações, o que demonstra a falta de consciência dos mesmos

sobre o fato desses aspectos estarem relacionados com o tema da pesquisa, representando, também, atitudes de intolerância religiosa. Segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 191), a observação “[...] obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade. [...]”. Em relação à observação não participante, adotada para esse estudo, Lakatos e Marconi (2003, p. 193) informam que:

[...], o pesquisador toma contato com a comunidade, grupo ou realidade estudada, mas sem integrar-se a ela: permanece de fora.

Presencia o fato, mas não participa dele; não se deixa envolver pelas situações; faz mais o papel de espectador. Isso, porém, não quer dizer que a observação não seja consciente, dirigida, ordenada para um fim determinado. O procedimento tem caráter sistemático.

Alguns autores dão a designação de observação passiva, sendo o pesquisador apenas um elemento a mais.

A entrevista foi também utilizada como método de coleta de dados da pesquisa de campo. É um método que permite a explicitação, pelos entrevistados, de suas opiniões, vivências e considerações, respondendo às perguntas que a eles foram direcionadas. Isso, por sua vez, permite respostas mais contundentes aos objetivos da pesquisa.

Segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 195) a entrevista: “[...] É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social.” As sessões de entrevistas, realizadas em grupo, possibilitaram a obtenção de informações que detectaram os posicionamentos e comportamentos dos sujeitos entrevistados sobre o tema em estudo, por meio de suas declarações, a partir da exposição das questões descritas no roteiro da pesquisa de campo que, por sua vez, teve como base os objetivos determinados no projeto de pesquisa.

Entre os diferentes tipos de entrevistas a opção adotada foi pela semiestruturada, pois esse tipo de entrevista permite traçar uma direção para o processo de entrevista, direcionando-a para que sejam alcançadas respostas para a pergunta proposta no projeto. De acordo com Neto (1994) entrevistas semiestruturadas representam uma articulação entre as formas estruturadas e as formas não estruturadas.

A análise de dados na pesquisa qualitativa representa o olhar minucioso sobre os dados coletados na pesquisa de campo, compreendendo que ela ocorre a partir do primeiro momento da coleta dos dados. Mas, ao começar essa análise, torna-se importante ter cuidado para não

estabelecer conclusões equivocadas devido a qualquer precipitação. Gil (2008, p. 175) observa que os procedimentos de análise de dados nesse tipo de pesquisa:

[...] são principalmente de natureza qualitativa. E, ao contrário do que ocorre nas pesquisas experimentais e levantamentos em que os procedimentos analíticos podem ser definidos previamente, não há fórmulas ou receitas predefinidas para orientar os pesquisadores. Assim, a análise dos dados na pesquisa qualitativa passa a depender muito da capacidade e do estilo do pesquisador.

A análise de dados como optada para esse trabalho compreende a análise e a interpretação como um processo conjunto, indissociável. Gil (2008, p. 178) informa que: “[...], o que se procura na interpretação é a obtenção de um sentido mais amplo para os dados analisados, o que se faz mediante sua ligação com conhecimentos disponíveis, derivados principalmente de teorias. Ligação essa que precisa estabelecer-se de forma harmônica. [...]”.

Adotando a modalidade de pesquisa do tipo exploratório-descritivo, buscamos a necessária extrapolação da pura e simples descrição, procurando alcançar entendimentos mais profundos contidos, mesmo que de forma implícita, nas informações fornecidas pelos participantes da pesquisa. Dessa forma, procurando acrescentar novos questionamentos e esclarecimentos aos estudos sobre o tema em estudo como meio de validar a pesquisa.

A técnica adotada para o tratamento dos dados coletados nesta pesquisa foi a análise de conteúdo que Bardin (2009, *apud* GUERRA, 2014, p. 38) define da seguinte forma: “[...] é uma técnica de tratamento de dados coletados, que visa à interpretação de material de caráter qualitativo, assegurando uma descrição objetiva, sistemática e com a riqueza manifesta no momento da coleta dos mesmos. [...]”.

Enfim, elaboramos uma metodologia de pesquisa com elementos que possibilitaram a articulação entre as concepções teóricas formadas com tudo que foi colhido na pesquisa de campo, o que possibilitou a reconstrução aproximada da realidade sobre o tema a “Religiosidade na escola”. Então, podemos constatar que essas escolhas não foram por acaso. São métodos, técnicas e concepções que, de fato, permitiram nortear o estudo e, por conseguinte, a satisfação de seus objetivos.

## **2.1 A INVESTIGAÇÃO EM CAMPO**

### **2.1.1 O Colégio Estadual Governador Roberto Santos (CEGRS)**

O Colégio Estadual Governador Roberto Santos (CEGRS) está situado à Rua Silveira Martins, s/nº, no bairro do Cabula, na cidade de Salvador, no estado da Bahia. Foi instituído pela Lei 715/79, com publicação no D. O. E. de 31.01.79. Inscrito no CNPJ: 01.997.074/0001-07. Código da UEE (MEC) – 29181496. Código da Escola (SEC) – 1103786.

O CEGRS fornece ensino nas modalidades: Ensino profissional – Médio integrado, nos turnos matutino e vespertino; Ensino profissional – PROEJA médio, no turno noturno; Ensino regular, nos turnos matutino, vespertino e noturno.

O CEGRS localiza-se em um endereço bastante movimentado. É construído em área ampla que abriga, em seu terreno, jardins com plantas ornamentais e árvores frutíferas que sombreiam o lugar, contribuindo para uma bela e agradável escola. O Colégio emana tranquilidade com muitos espaços livres para a recreação e socialização dos estudantes. É uma escola com boa estrutura física, pois se trata de uma instituição bem cuidada, conforme atestam seus funcionários.

### **2.1.2 A pesquisa de campo no CEGRS**

Os encaminhamentos para a realização dessa pesquisa no CEGRS se iniciaram com o primeiro contato para uma conversa sobre a possibilidade de realização desse trabalho. Então, nessa conversa, entre o pesquisador e a vice-diretora do Colégio, tratamos dessa possibilidade mediante a apresentação do tema da pesquisa. Posteriormente, a vice-diretora, tendo entrado em contato com o diretor, concedeu a permissão para que o trabalho fosse realizado. Entretanto, solicitou que fosse fornecida, após a conclusão do estudo, uma cópia da monografia, como forma de retornar para a instituição pesquisada o resultado do trabalho empreendido.

Fornecer para a comunidade pesquisada os resultados da pesquisa é de considerável importância, pois, cumprindo o acordado com a escola, reforçamos a possibilidade de parceria para trabalhos futuros, fortalecendo os vínculos de cooperação entre a comunidade pesquisada e a universidade.

Posteriormente, já para realizar o trabalho, foi apresentada, ao CEGRS, a carta de encaminhamento do pesquisador, fornecida pelo Departamento de Educação – campus I (DEDC-I) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Ao adentrar as classes determinadas para a pesquisa, sendo uma turma de cada turno, o pesquisador fez sua apresentação; apresentou o projeto de pesquisa tratando sobre o tema do estudo e as questões a serem abordadas. Enfim, falou sobre como a pesquisa seria realizada. Ainda, discorreu sobre a importância da realização de estudos desse tipo, e sobre a importância da colaboração dos estudantes para a pesquisa. Entretanto, lembrando-lhes que se sentissem livres para participarem, ou não, da pesquisa. Em quantidade majoritária, entre os presentes, eles aceitaram participar permanecendo nas salas de aula.

### **2.1.3 As entrevistas no CEGRS**

Como requisito do projeto de pesquisa que norteou este trabalho, nos dias 08 e 10 de novembro do ano de 2016 foi realizada a pesquisa de campo no CEGRS. 03 (três) classes do 2º ano do Ensino Médio, sendo uma turma entrevistada do turno matutino, uma turma do turno vespertino e a outra turma do turno noturno, participaram e se dispuseram a responder as questões propostas, em um total de 45 (quarenta e cinco) estudantes.

As classes participantes da pesquisa se mostraram ambientes formados por jovens falantes e inquietos. Alguns estudantes ficaram dispersos, caminhando e conversando, eram os que não estavam participando da pesquisa. Durante as sessões de entrevistas aconteceram manifestações paralelas às declarações, mas, nenhuma de expressão maior que inviabilizasse a ocorrência do trabalho.

A forma de entrevista adotada – entrevista grupal -, em momento anterior à pesquisa de campo, provocou dúvidas quanto à sua viabilidade por antever a possibilidade de que nem todos os estudantes aceitassem se manifestar verbalmente. Isso, de fato, ocorreu, pois uma

parte deles se ausentaram das salas; enquanto outros, mesmo participando das entrevistas, não quiseram se expressar oralmente. Apesar disso, essa técnica de coleta de dados se mostrou muito eficiente para a satisfação dos objetivos dessa pesquisa.

Prevedendo a possibilidade da ocorrência de manifestações de apreço e de despreço, mais especialmente de despreço às opiniões dos respondentes da pesquisa, de modo que pudessem inibir a participação desses estudantes, é que foi colocada em prática, desde o início das sessões de entrevistas, a possibilidade da declaração por escrito aos participantes. Isso, fez-se por meio do fornecimento de uma folha em branco de papel sulfite e de uma ficha com algumas perguntas que, por sua vez, possibilitaram que todos participassem emitindo suas opiniões, oralmente e/ou por escrito ou, simplesmente, preenchendo a ficha de dados básicos.

Entre os estudantes que aceitaram participar das entrevistas, alguns não devolveram o material que fora distribuído para a entrevista. Nas classes das turmas entrevistadas, dos turnos vespertino e noturno, foram realizadas gravações em áudio e declarações por escrito com alguns dos participantes; enquanto outros não se manifestaram verbalmente, não aceitando fazer gravações, mas fizeram suas declarações por escrito.

Na classe da turma entrevistada do turno matutino não houve declarações verbais, todas as declarações foram expressas por escrito. Uma parcela dos estudantes participantes, das três turmas entrevistadas, devolveu apenas as fichas com as questões preliminares respondidas, não realizando outras declarações.

As declarações emitidas verbalmente pelos estudantes foram gravadas em áudio e suas transcrições foram realizadas posteriormente. De forma análoga, o diário de campo do pesquisador se fez de gravações em áudio, transcritas em momento posterior.

#### **2.1.4 A análise dos dados**

Este estudo obteve respostas à pergunta de partida da pesquisa empreendida, reunindo conteúdo explicativo sobre a realidade das relações entre os estudantes do CEGRS em razão das diferentes opções religiosas, a partir da análise dos dados coletados em campo, à luz do embasamento teórico adquirido durante todo o processo de estudo, perfazendo resultados que

representam uma reconstrução aproximada da realidade social concernente ao tema estudado, considerando os pormenores detectados, como é de se esperar de uma pesquisa social.

A quantidade expressiva de respondentes da pesquisa permitiu uma diversidade de opiniões, o que possibilitou o melhor entendimento do que realmente acontece no CEGRS no que diz respeito ao assunto pesquisado.

Enfim, uma diversidade de concepções e modos de agir que representam os posicionamentos e atitudes presentes no relacionamento entre os estudantes, e possibilitaram, inclusive, perceber as contradições que existem entre o que foi dito e o que é praticado no dia a dia do CEGRS. Pois, devemos entender que, esses estudantes falando e ouvindo, ao mesmo tempo, sobre religião e religiosidade, proporcionaram que as situações vividas no dia a dia do CEGRS viessem à tona durante as entrevistas, por meio de seus posicionamentos e atitudes.

A entrevista semiestruturada, utilizada como técnica de coleta de dados, permitiu a construção de um roteiro de pesquisa com algumas questões abertas, possibilitando que, com liberdade, os participantes da pesquisa emitissem informações sobre os diversos aspectos que envolvem o tema em estudo. Isso, por sua vez, veio atender à necessidade do pesquisador em coletar uma diversidade de opiniões em relação aos diferentes aspectos que dizem respeito ao tema, possibilitando responder satisfatoriamente aos objetivos projetados, com a posterior descrição detalhada do fenômeno como requerem a pesquisa do tipo exploratório-descritiva e a técnica de análise de conteúdo.

As fichas de dados básicos, tendo sido preenchida pelos próprios participantes, foi um instrumento que possibilitou a coleta de algumas informações dos participantes, e foi por meio delas que se tornou possível traçar o perfil dos estudantes. Tendo permitido, também, realizar a articulação das informações verbais com as informações escritas, a partir da identificação numérica atribuída a cada participante por meio desse instrumento de coleta de dados.

Torna-se importante reafirmar a viabilidade da entrevista grupal, técnica de coleta de dados adotada para esse trabalho, pois possibilitou um ângulo proveitoso de captação da realidade em relação ao tema pesquisado, uma vez que, proporcionou que o pesquisador observasse nuances da convivência entre os estudantes, do CEGRS, que não aconteceriam facilmente se as entrevistas fossem realizadas de outras formas.

Graças à opção pela entrevista grupal é que momentos de agitação puderam aflorar nas classes entrevistadas. Manifestações de concordância e discordância - risos, falas paralelas, aplausos - ocorreram durante as sessões de entrevistas. Tais acontecimentos também proporcionaram a produção de informações e conhecimentos, pois representaram importantes formas de manifestação que permitiram a captação da realidade sobre o tema estudado, por meio, inclusive, das contradições entre o que foi dito e o que foi manifestado durante as sessões. Enfim, mostrou-se uma técnica capaz de alcançar resultados profícuos.

## 3 O QUE A TEORIA NOS DIZ SOBRE RELIGIÃO

### 3.1 A RELIGIÃO EM DURKHEIM

A religião é um determinante do comportamento dos indivíduos ainda muito marcante na vida contemporânea. Uma instituição social que disciplina os indivíduos, numa ação coercitiva, para estabelecer o equilíbrio social, impondo e mantendo padrões de comportamento e, assim, assegurando uma continuidade nos modos de agir dos membros da sociedade. Como diz Durkheim (2001, p. 18):

[...], a maior parte das instituições sociais são nos legadas já feitas pelas gerações anteriores; não tomamos parte alguma na sua formação e, por conseguinte, não é interrogando-nos que podemos descobrir as causas que lhes originaram. Além disso, mesmo quando colaboramos na sua gênese, é com dificuldade que entrevemos, da maneira mais confusa e até frequentemente inexata, as verdadeiras razões que nos determinaram a agir e a natureza da nossa ação. [...].

Em seu livro *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*, Durkheim (1996, p. XVI) evidencia que “[...] a religião é uma coisa eminentemente social. [...]” E também, o seu caráter de coletividade, onde o sentido de sociabilidade é percebido a partir das práticas comuns dos grupos.

O autor buscou nas religiões mais primitivas – as religiões totêmicas australianas – como se dava o nascimento de uma religião. Percebeu, então, o nascedouro da religião, que ali funcionava com base no estabelecimento de um símbolo (o totem, objeto sagrado de um clã) que representava a própria sociedade - mecanismo que serviu de base para todas as religiões - numa simbologia da sociedade em uma adoração a si própria.

A ligação que existe entre o ser social e a religião evidencia a relação de dependência e obediência do indivíduo com a religião, enquanto mecanismo de controle social ou pela própria necessidade de colaboração para que a vida social se efetive, pois, conforme Durkheim (1996, p. 211): “[...] a todo instante somos obrigados a sujeitar-nos a regras de conduta e de pensamento que não fizemos nem quisemos, e que, inclusive, são às vezes contrárias a nossas inclinações e a nossos instintos mais fundamentais”. A sociedade age de

tal forma que dificilmente escaparemos das regras de convivência, pois a sociedade se manifesta por meio de todos, individualmente e em coletividade, que nos lembrarão das normas sociais que devemos seguir. Durkheim (2001, p. 21) salienta que:

[...]. Para compreender a maneira como a Sociedade se representa a si própria e ao mundo que a rodeia, é a natureza da sociedade, e não a dos particulares, que devemos considerar. [...]. Se ela condena certos modos de comportamento, é porque ferem alguns dos seus sentimentos fundamentais; e esses sentimentos pertencem à sua constituição, tal como os do indivíduo ao seu temperamento físico e à sua organização mental. [...].

O que é a sociedade se não uma organização baseada em acordos, muitas vezes tácitos, de modos de convivência expressos em regras de conduta que nos cobrarão, mesmo de modo violento, se não as seguirmos? Como diz Durkheim (1996, p. 219): “Da mesma forma que homens, a sociedade consagra coisas, em particular ideias. Se uma crença for unanimemente partilhada por um povo, será proibido, [...], tocar nela, isto é, negá-la ou contestá-la. [...]”.

Sendo assim, a sociedade, ente moral do qual somos parte, nos punirá pelos “desvios” de comportamentos que viermos a cometer, pois ela dispõe de mecanismos de punição e os aplicará conforme as nossas condutas fugirem do estabelecido socialmente. Sem nos esquecermos de que tais convenções sociais não são determinadas individualmente, mas pela coletividade e, ao nos esquivarmos delas, é essa mesma coletividade que usará armas coercitivas para barrar tais desobediências ou sanções para punir as tentativas de violação - coibindo, constringendo.

Desse modo, entendemos a ação da religião como fato social, pois apresenta modos de comportamentos herdados, gerais e exteriores ao indivíduo e, assim, tende a moldar as pessoas pela coerção.

Por se tratar de um fato social, frequentemente não há como escapar do poder de coerção externo que o fenômeno religioso exerce ou tem a possibilidade de exercer sobre as consciências individuais, obrigando o indivíduo a submeter-se a ele. Os fatos sociais resultam das atividades humanas e tem o caráter de serem coletivos; determinam a nossa vontade, mas isso não significa que não temos personalidade individual, porém, mesmo quando conseguimos transgredir suas regras enfrentamos forte oposição.

Assim, entendemos que a organização religiosa, bem como a organização dos outros aspectos sociais, passa pelo crivo dos fatos sociais. Durkheim (2001, p. 32) afirma isso ao dizer: “Estes

tipos de comportamento ou de pensamento são não só exteriores ao indivíduo, como dotados de um poder imperativo e coercivo em virtude do qual se lhe impõem, quer queira, quer não. [...]”.

O indivíduo cumpre o seu papel na sociedade, enquanto participante de uma coletividade, trilhando, forçosamente, caminhos já determinados. São aspectos sociais que serão respeitados e repassados para os membros atuais e futuros do grupo, num sentimento de perpetuação da unidade moral social da comunidade. Nesse sentido, Weiss (2012, p. 112) considera que:

[...]. De forma bastante resumida, é possível dizer que, assim como a figura de deus, a sociedade desempenha um duplo papel. O primeiro deles diz respeito à sua autoridade moral, que faz com que os indivíduos respeitem suas prescrições, sem questionar a utilidade ou a adequação das mesmas. O indivíduo obedece porque é preciso obedecer, porque percebe que é uma força superior que lhe ordena, mesmo que não identifique a origem real dessa força.

Os membros da mesma comunidade religiosa, em suas práticas coletivas, exercem solidariamente as regras morais, sociais e a todas as demais práticas que são comuns a todos que participam da mesma comunidade, buscando o fortalecimento e a manutenção da igreja e de suas práticas para a posteridade, de acordo com os objetivos, ou com as intencionalidades, estabelecidos pelo coletivo.

Durkheim, (1996, p. 233) considera que: “[...]. A religião deixa de ser sabe lá que inexplicável alucinação para tomar pé na realidade. Podemos dizer, com efeito, que o fiel não se engana quando crê na existência de uma força moral da qual depende e da qual extrai o melhor de si: essa força existe, é a sociedade. [...]”. Atrevemo-nos a argumentar se o fiel se dá conta, na maioria das vezes, que está sendo compelido a cumprir regras determinadas socialmente, mesmo sendo ele também parte da sociedade que cumpre e faz cumprir, mediante pressão a si e aos demais membros da sociedade da qual faz parte tais regras sociais.

Porém, o ser humano, ou “o fiel”, para utilizar o termo empregado por Durkheim, em sua relação com a religião experimenta a força religiosa que, conforme o próprio Durkheim (1996) essa força que representa a força coletiva, o sentimento inspirado pela coletividade a seus membros. Estaria o autor referindo esse sentimento como os interesses sociais e morais das religiões? Interesses, esses, que representados por meio do poder, submete o fiel às determinações sociais à custa do sacrifício de suas vontades pessoais. A sociedade faz o

indivíduo e está contida no próprio indivíduo, pois é por meio dele que ela existe, de modo que, conforme Weiss (2012, p. 113):

Na vida cotidiana, mesmo o homem mais simples das sociedades menos complexas, percebe em si as representações elaboradas pela coletividade, que determinam inclusive o modo como ele, indivíduo singular, enxerga o mundo. Este indivíduo sabe que deve agir de determinada maneira, sabe que algo o impele a isso, mas não é capaz de identificar essa força como algo de origem exterior, como algo resultante da sociedade. [...].

A religião, baseada em códigos morais, evidencia seu caráter de instituição social. Durkheim (1996, p. 462) diz que “[...]. Se a religião engendrou tudo o que há de essencial na sociedade, é que a ideia da sociedade é a alma da religião. [...]” Desse modo, pensamos que o sentido da religião para o ser social está no fato de que ele, por pertencer a um determinado grupo social, sente-se pertencente, “de fato”, a esse grupo à medida que comunga de sentimentos e de modos de agir comuns ao grupo, numa demonstração inequívoca que, como diz Durkheim (1996, p. 462): “As forças religiosas, portanto, são forças humanas, forças morais”.

A religião, enquanto fenômeno e produto da sociedade, se nutre de ações humanas que intentam realizar as funções da instituição social religiosa, cumprindo seu papel para a vida da sociedade, onde a consciência social coletiva age sobre as consciências dos indivíduos no sentido de cobrar-lhes adesão à coletividade. Temos aí, a atitude da religião no sentido de estabelecer a coesão social. Weiss (2012, p. 117) afirma que:

[...] a religião é um produto social em seu sentido mais estrito: trata-se de algo criado por indivíduos agindo e pensando juntos, interagindo, que estabelece as próprias condições para que isso – a vida em conjunto – possa continuar a existir. É por isso que a religião é um fenômeno duplamente social, de modo que compreender a vida coletiva, em qualquer momento histórico, pressupõe que se compreenda o fenômeno religioso em geral e as múltiplas manifestações religiosas que estão na base das inumeráveis formas de vida coletiva que existiram ontem, que existem hoje e que existirão no futuro, sempre que for possível dizer que sobre um território não há apenas indivíduos atomizados, isolados, mas indivíduos ligados por crenças e ritos compartilhados.

O ser individual, com a adoção de uma vida religiosa, torna-se um ser coletivo, passando a compor os laços que se formam entre os indivíduos, constituindo grupos e comunidades. Desse modo, dá-se a constituição da sociedade com seu caráter dinâmico, quer seja nos aspectos da vida individual, quer seja nos aspectos da vida coletiva que, por sua vez, pode resultar na extinção de aspectos do mundo particular dos indivíduos.

O convívio social exige o envolvimento e o compartilhamento das práticas comuns aos membros dos grupos sociais, inclusive das práticas religiosas propagadas pelo grupo religioso composto de indivíduos que, tendo aderido à instituição religiosa, agem em acordo coletivo, por suas regras e crenças em comum, predispostos a atuarem para a consolidação da instituição religiosa e de sua função social.

### **3.2 RELIGIÃO E EDUCAÇÃO, UMA ANÁLISE HISTÓRICA DESSA RELAÇÃO NO BRASIL**

As instituições escolares exercem um importante e decisivo papel na vida e na socialização dos estudantes. Essa influência permeia a história do Brasil desde quando a religião católica, por meio da Companhia de Jesus, esteve à frente do processo de educação formal dos nativos, dos escravizados, dos filhos dos colonos e dos proprietários das terras “descobertas” pelos portugueses, por meio da implantação e defesa do catolicismo, pela suplantação das chamadas crenças neopagãs e contra a influência das ideias protestantes.

A pesquisa em história da educação nos mostra como o ensino esteve atrelado à relação entre Estado e Igreja no decorrer da história, de modo a esclarecer que essa relação de reciprocidade entre essas instituições, com vistas a alcançar seus objetivos na conquista do Novo Mundo, resultou na constituição dessa forma de educação – o ensino religioso. Piletti e Piletti (1995, p. 75) afirmaram que:

Durante toda a Idade Média a educação foi controlada pela Igreja e tinha como principal finalidade educar o indivíduo segundo os ensinamentos das Sagradas Escrituras, interpretados pelas autoridades eclesiásticas. E durante a Idade Moderna a religião não deixou de exercer sua influência quase exclusiva sobre a educação. [...].

Piletti e Piletti (1995, p. 77) acrescenta: “Da mesma forma que a educação, a ciência medieval viveu submetida ao controle da Igreja e dirigida pelo método da autoridade. [...]”. A Reforma também imprimiu a sua marca em uma época em que os conhecimentos eram pautados pelos textos bíblicos, conforme diz Gal (1989, p. 64): “[...] Um dos efeitos do movimento de ideias da Renascença e da Reforma foi a criação e o desenvolvimento muito rápido dos colégios

jesuítas nos países de obediência católica. [...]”. Isso revela a preocupação desses movimentos em estabelecer o ensino de cunho religioso para todos.

Não se pode negar o caráter histórico da influência da religião no processo educativo brasileiro, para o qual damos ênfase neste trabalho. Aranha (1989, p. 123), por sua vez, considera que: “A principal marca da influência jesuítica na formação da cultura brasileira está na *tradição religiosa do ensino*, que perdura até o século XIX. [...]”.

A Companhia de Jesus, fundada por Inácio de Loyola em 1534, tinha como missão a defesa do catolicismo, de modo que, nos colégios fundados pela Companhia, a principal incumbência era sempre a fé religiosa cristã por meio do catolicismo. Assim, realizava-se o compromisso com a autoridade religiosa católica romana. Piletti e Piletti (1995, p. 134) nos leva a considerar que: “[...]. O raciocínio era simples: seria mais fácil submeter o índio, conquistando suas terras, se os portugueses aqui se apresentassem em nome de Deus, abençoados pela Igreja”.

Considerando os interesses econômicos da coroa portuguesa e a forma como se desenvolvia a economia no período, Aranha (1989, p.118) diz: “Dentro desse contexto é possível compreendermos, já de início, que a educação não é meta prioritária para o colonizador. [...]. No entanto, as metrópoles europeias enviam religiosos para suas colônias a fim de desenvolverem um trabalho missionário e pedagógico. [...]”.

A história do Brasil registra que a influência da religião na educação se dá desde o início do período colonial, com a chegada dos jesuítas em 1549, quando os colonizadores cristãos impuseram a sua religião aos nativos da terra “descoberta” e, com as primeiras missões jesuíticas – aldeamentos coloniais – estabelecidas em diferentes regiões do sul ao norte do Brasil, dá-se a implantação das primeiras escolas, instituindo, assim, a cultura cristã no Brasil por meio do catolicismo.

Reagindo contra a Reforma protestante, a Companhia de Jesus tinha como principal incumbência expandir o cristianismo, convertendo os “gentios” ao catolicismo, mas também cuidar para que os colonos se mantivessem adeptos da religião, como forma de deter o protestantismo. Entretanto, Aranha (1989, p.118) observa:

Mas a questão não é simplesmente religiosa. Numa época de absolutismo, a Igreja, submetida ao poder real, é instrumento importante para ajudar na

garantia da unidade política, através da uniformização da fé e da consciência. [...]. Nessas circunstâncias, a educação na colônia assume papel de agente colonizador.

Os missionários jesuítas iniciaram o seu trabalho de conversão dos indígenas à fé cristã, mas coube a eles, também, a educação dos filhos dos colonizadores europeus. Defendiam a cristianização dos negros escravizados por meio da catequese, porém, sem exigir muito desses, não aprofundando muito os ensinamentos a eles direcionados e, desse modo, procuravam integrá-los à Igreja.

No período colonial brasileiro, as culturas dos indígenas e dos negros escravizados foram desconsideradas e desrespeitadas e, dessa maneira, dava-se a educação/instrução, visando à catequização dos dominados e à educação dos filhos da casa-grande, por meio da implantação dos costumes europeus e a consequente suplantação da cultura local. Somava-se, portanto, ao papel de evangelizador, o papel de educador às principais atribuições dos jesuítas. O difícil trabalho de conversão dos nativos à fé cristã experimentava a recusa dos adultos, fazendo com que os jesuítas se concentrassem nas crianças, almejando alcançar posteriormente também aos mais velhos, por meio dos filhos.

Os missionários se utilizavam da música e do teatro como técnicas para a conversão, inclusive instituíram a “língua geral” – o tupí, a língua mais falada no litoral - como meio de lhes facilitar o trabalho, devido à enorme variedade de línguas encontradas na terra “descoberta”.

Segundo Aranha (1989), os jesuítas ao se instalarem na colônia, obviamente, tiveram dificuldades no processo de implantação da educação catequética em terra estranha. Encontraram gente com costumes desconhecidos, assim como colonizadores aventureiros. Seguindo a orientação do *Ratio Studiorum* enfrentaram sérios desafios. As primeiras escolas cuidavam da catequização dos filhos dos indígenas e da instrução dos filhos dos colonos. O choque cultural é evidente. A cultura indígena teve aí o início de sua desintegração.

Desse modo, a Igreja se une ao Império para colonizar o Brasil e propagar o cristianismo. Piletti e Piletti (1995, p. 135) afirmam que os jesuítas: “[...]. Com seu trabalho missionário procurando salvar as almas, abriam caminho à penetração dos colonizadores; com seu trabalho educativo, ao mesmo tempo em que ensinavam as primeiras letras e a Gramática latina, ensinavam a doutrina católica e os costumes europeus”.

Uma educação inspirada nos dogmas religiosos do catolicismo português - inspiração cristã. Ocorria uma educação com vistas à pacificação dos indígenas, importante condição para a colonização da terra “descoberta”. A Igreja conseguiu manter a calma na colônia, por meio do processo de evangelização, em meio a toda violência e exploração que os colonizadores impuseram aos nativos e aos escravizados.

Os jesuítas exerceram, praticamente, o monopólio sobre a educação no Brasil. É importante salientar que a educação, oferecida pela Companhia de Jesus aos filhos da elite colonial, proporcionava conhecimentos de leitura e escrita – a educação intelectual para as classes dominantes. E, com os colégios se formariam os novos missionários, posição que as famílias almejavam para os filhos da classe dominante.

Para os indígenas era empregada uma educação para a subserviência, para a obediência e respeito aos poderosos e às autoridades. Esse processo se dava por meio da evangelização católica, como meio de pacificação dos “selvagens” pelo temor a Deus. Assim, transformar-se-iam antigos selvagens em alienados – sujeitos às injustiças sociais e resignados que não se rebelariam contra a ordem estabelecida pelos colonizadores. Desse modo, percebe-se a diferença de intenções na educação dos indígenas e na educação dos filhos da elite colonial. Tudo pensado para privilegiar as classes dominantes, sem contestação pela condição de subalternidade dos nativos e dos escravizados. Gal (1989, p. 65) considera que:

[...]. A Companhia tornou-se uma congregação essencialmente docente e obedeceu mais do que qualquer outra às exortações do Concílio de Trento (1545-1563) para a formação da juventude. Os colégios que eles espalharam pelo mundo cresceram rapidamente em número: em 1650 já havia 372; alguns dentre eles receberam até dois mil alunos.

Sobre a educação brasileira no século XVII, Aranha (1989) diz que não se observava grandes novidades em relação ao século do “descobrimento”, pois nas missões continuava o processo de aculturação dos indígenas, e nas escolas se conservava a exclusividade da atuação dos jesuítas que, ainda, não considerava a revolução intelectual europeia em curso.

A influência exercida pela Igreja é diminuída com a implantação de um Estado leigo. Os jesuítas foram expulsos em 1759, após 210 anos de sua chegada, pois a educação organizada por eles gerava conhecimento. À metrópole não interessava esse tipo de sistema educacional, pois Portugal não desejava a formação de cabeças pensantes, mas de mentes alienadas que apenas produzissem sem questionar.

Gal (1989, p. 69) informa: “A despeito das tentativas da Igreja, a educação continuou sendo, nos séculos XVII e XVIII, uma educação aristocrática, limitada a um reduzido número de beneficiários. [...]”. Desse modo, aos colonizados e escravizados eram liberados apenas o ensino com características elementares, com vistas à evangelização e que não proporcionasse a sua emancipação. Gal (1989, p. 67) salienta que nesse período: “[...]. A evolução espiritual do mundo exterior a ela, as circunstâncias políticas, tornaram esse modelo de educação cada vez mais estranho às transformações profundas do pensamento e da vida. [...]”.

A Companhia de Jesus seria restabelecida em 1814. Nos períodos colonial e imperial brasileiros, a Igreja Católica Romana detinha o monopólio do ensino, mesmo a educação sendo da responsabilidade do Estado. Dessa forma, a presença do Estado na educação no período imperial é praticamente inexistente.

O poder da Igreja fora legitimado pelo Império em 1824. E continuava, então, privilegiando as aulas de religião, com o intuito da evangelização e da propagação dos princípios morais do cristianismo. Indígenas e escravizados eram submetidos à conversão religiosa cristã. Sobre isso Piletti e Piletti (1995, p. 136) dizem: “Os jesuítas responsabilizaram-se pela educação dos filhos dos senhores de engenho, dos colonos, dos índios e dos escravos. A todos procuravam transformar em filhos da Companhia de Jesus e da Igreja, exercendo grande influência em todas as camadas da população”.

A primeira lei sobre a instrução pública no Brasil, de 1827, instituía que os ensinamentos deveriam ser pautados pelos princípios do catolicismo. Como se vê, a educação não apresentava, no período imperial brasileiro, situação muito diferente do período colonial. Aranha (1989, p. 192) informa que:

No período de 1860 a 1890, a iniciativa particular se organiza e são fundados importantes colégios, sobretudo católicos (inclusive de jesuítas, que retornam oitenta anos após sua expulsão) e alguns protestantes. Isto mostra uma tendência diferente daquela que se implantava no resto do mundo, em que a educação se laicizava cada vez mais. Entre nós, ao contrário, predominava a ideologia católica.

A República, instaurada em 1889, defendeu o laicismo na sociedade e na educação, em um momento de separação entre Igreja e Estado. Dessa forma, o ensino religioso deveria continuar sendo praticado pelas instituições religiosas católicas e, por interesse da Igreja, fora dos estabelecimentos públicos de ensino. A educação da rede pública, então, deveria se tornar laica.

No período republicano surgem, por meio das Congregações Religiosas, os colégios próprios. Desse modo, O ensino religioso continuou presente na educação brasileira. Conforme observam Piletti e Piletti (1995, p. 161):

Durante o Império o ensino religioso católico era obrigatório, já que a religião católica era a religião oficial do Estado. Com a República e a separação entre Igreja e Estado, a Constituição de 1891 instituiu o ensino leigo nas escolas públicas, isto é, não havia ensino religioso. A Constituição de 1934 reintroduziu o ensino religioso, mas de caráter facultativo e multiconfessional: [...]. O ensino religioso obrigatório para as escolas e facultativo para os alunos continuou nas Constituições posteriores.

A religião sempre permeou o contexto da educação no Brasil, direcionando-a serviu, por meio da Companhia de Jesus no Brasil, mas também nos demais países colonizados, para catequizar e conformar a sua população, sobretudo os integrantes das classes desprestigiadas, a uma visão religiosa cristã, à submissão. A educação era pautada por princípios religiosos servindo aos desígnios de Portugal até o século XIX.

A Igreja Católica, ao impor o cristianismo a todos no Brasil por meio da catequização imposta pela Companhia de Jesus, ou mesmo ao buscar a sua universalização, forçava os dominados, no caso das colônias, a se abdicarem de suas religiões e de suas práticas religiosas. As escolas adotaram sistemas de ensino em acordo com a Igreja e, com esse tipo de prática de ensino, as pessoas passavam, evidentemente, a formarem uma concepção de mundo forjada pela religião dominante. Tal herança expõe vestígios que se pode constatar até os dias atuais.

O ensino religioso esteve presente nas escolas brasileiras até a década de 1990. O que se pode constatar é que essa educação de moral religiosa cristã desde que implantada no Brasil, pelos jesuítas, procurou suplantar a cultura que aqui encontrou. Com um modo de agir etnocêntrico, negou e discriminou as culturas dos indígenas e dos negros escravizados, impondo-lhes uma nova maneira de viver de acordo com a cultura europeia que fora implantada e, aceita ou não, passou a ser incorporada aos costumes de toda a população. A partir daí, as religiosidades dos nativos e dos negros escravizados trazidos da África passaram por um processo de negação. Assim, os costumes europeus, concernentes ao cristianismo, passaram a ser praticados pelas pessoas.

O catolicismo, por meio de sua atividade expansionista, visando a sua universalização, propagou, ao difundir o processo evangelizador, a discriminação de outras religiões. A desintegração das culturas indígenas, assim como a repressão às culturas oriundas da África,

levou os habitantes do Brasil a adotarem forçosamente os costumes portugueses. Essa adoção deu-se por meio do processo educacional, impetrado pelos portugueses, ao dominarem e colonizarem as terras que vieram a serem chamadas de Brasil e os povos que aqui já habitavam.

Essa situação apresenta dramática realidade ainda hoje, em pleno século XXI, como herança cultural forte e trágica dos tempos de dominação portuguesa. Como se pode constatar, muitos dos papéis antes desempenhados pela religião estão, nos dias atuais, a cargo de outras instituições, inclusive da escola que assume a missão de prover a educação formal e, ainda, o controle social de seus estudantes.

### **3.3. A SOCIEDADE E A DIVERSIDADE RELIGIOSA**

Fenômeno universal, parte integrante da história da humanidade desde os seus primórdios, a religião tem um papel fundante na construção das sociedades e na formação individual das pessoas, não raro, de modo decisivo, exercendo influência até mesmo na vida do ser humano que não acredita na existência do sagrado.

O ser humano religioso acredita na existência do sobrenatural – esse ser está para além de si, no sentido de ser superior ao ser comum, ao ser mortal – e acredita que terá respostas para suas indagações, pois essa crença representa um instrumento em sua busca pela aproximação e compreensão do sagrado, e por explicações para a existência.

A religião é, portanto, indissociável do contexto sociológico em todos os tempos da história humana, desempenhando, ainda hoje, um importante papel ao estar presente, de forma constante, na vida das pessoas, seja por uma religiosidade própria, seja pela religiosidade daqueles com os quais elas convivem, ou mesmo por meio da religiosidade que está presente na comunidade em que habitam, nos espaços sociais que frequentam e, assim, terão seus pensamentos e ações influenciados por meio da ética religiosa, principalmente daquela(s) religiões às quais estão mais próximas.

Destarte, devemos mensurar a grande influência que as religiões têm, enquanto forjadoras de modelos decisivos, individualmente e coletivamente na vida das pessoas. Alves (1981, p. 12) considera que:

[...] é necessário reconhecê-la como presença invisível, sutil, disfarçada, que se constitui num dos fios com que se tece o acontecer do nosso cotidiano. A religião está mais próxima de nossa experiência pessoal do que desejamos admitir. O estudo da religião, portanto, longe de ser uma janela que se abre apenas para panoramas externos, é como um espelho em que nos vemos. [...].

A religião, produção humana e social, é um instrumento de organização social que serviu e tem servido como base para a manutenção de poderes e privilégios, por meio da supremacia de uma corrente religiosa - o Cristianismo - sobre as demais religiões. A religião dominante se apresenta como elemento representativo da melhor ou da mais correta concepção sobre o sagrado; da melhor e da mais valorizada classe social e econômica, representando indicativos “valorativos” ou classificadores de distinção entre as pessoas que, por outro lado, determinava e determina, ou pelo menos tem essa intenção, o lugar de pertencimento das pessoas na sociedade e de funções sociais que elas poderiam e podem desempenhar. Alves (1981, p. 106) aponta que:

É provável que os profetas tenham sido os primeiros a compreender a ambivalência da religião: ela se presta a objetivos opostos, tudo dependendo daqueles que manipulam os símbolos sagrados. Ela pode ser usada para iluminar ou para cegar, para fazer voar ou paralisar, para dar coragem ou atemorizar, para libertar ou escravizar. [...].

A prática religiosa pode oferecer possibilidades benéficas, mas também pode oferecer sérios riscos à sociedade, a depender de como essa formação, mediada pela religião, se dá. Pois, se essa formação acontece tendo em vista destituir o ser humano de suas liberdades, mais especialmente de sua liberdade de pensamento e de ação, o indivíduo, decerto, desenvolverá uma personalidade conservadora para com suas próprias ações, mas também para com as ações dos demais, com o intuito de vigiá-los, tornando-se um ser intolerante, gerando conflitos em suas relações com outros indivíduos e grupos sociais o que, sem dúvidas, é um dos problemas que leva ao fracasso nas convivências.

É evidente a presença da religião na formação do ser humano e das sociedades, determinando valores que atuam no sentido de direcionar os modos de ser e de agir do indivíduo em sua vida individual e coletiva.

Desse modo, devemos considerar que entender o ser humano religioso requer investigar a sua prática religiosa, tendo em vista que ela influencia suas ações e comportamentos que, por sua vez, produzirão uma convivência harmoniosa ou não.

Afirma-se a condição da religião como sistema de controle da sociedade, como resultante do seu fortalecimento pela forma, ou pelas formas, como conseguiu convencer seus praticantes da obrigatoriedade de cumprir com seus desígnios, por meio de suas normas de condutas sociais.

Ademais, o prestígio ou o desprestígio social do indivíduo está relacionado com o lugar que ele ocupa na sociedade da qual é parte e, por conseguinte, a sociedade, dotada de imperativos morais, condiciona suas escolhas, comportamentos e ações, inclusive religiosas e/ou influenciadas pela religiosidade e pelas crenças que pratica. Este é um exemplo de como a estrutura social e religiosa determina o ser social.

A religião é um componente estrutural de grande importância da cultura humana, ditando regras de conduta que norteiam a convivência social desde sempre, transmitidas de geração para geração, ao longo da história humana. Enfim, um produto da cultura humana, onde ela mesma, a religião, determina fatores estruturais dessa cultura. Alves (1981, p. 110), ao falar sobre poder, sobre dominadores e dominados, enfatiza que:

[...]. Tudo se reveste com a aura sagrada. Mas já sabemos que coisas sagradas são intocáveis. Elas exigem reverência e submissão, independentemente de quaisquer considerações utilitárias. O sagrado está destinado à eternidade, bem como o mundo do poder que ele envolve. [...]

A religião, se utilizando de uma figura externa – Deus, por exemplo -, diz para o homem como agir, moralmente ou não, pois ela representa o poder do Deus supremo, da vontade divina da qual o ser humano não deve se esquivar, sob o risco iminente de coação e punição como ser pequeno, subjugado e submisso – ser inferior – diante do ser soberano do qual a religião se declara representante legítima e legitimada pelos humanos – a ligação entre a terra e o céu. Mas, também, a religião se posiciona como a ligação entre o ser individual e a coletividade, como meio de promover a sua inserção no meio da sociedade, por meio da sua integração na cultura religiosa daquele grupo, validando então a sua presença e a sua participação.

Portanto, a religião, força externa de dominação, direciona e condiciona a conduta de vida dos indivíduos de modo a impulsionar as suas práticas – é a ética religiosa. Os consentimentos sociais à doutrinação religiosa levam os indivíduos e/ou grupos a viverem de acordo com a ética religiosa que praticam, de modo que as relações sociais mediadas pela visão religiosa, vinculada a ideias e pensamentos determinados pela ideologia religiosa dominante, que determina como o indivíduo deve pensar e agir, pode resultar em relações exitosas ou fracassadas em decorrência de atitudes de respeito ou de intolerância.

A família é um dos pilares fundamentais na construção do cidadão e, quando religiosa, em escala maior ou menor, se utiliza de fatores religiosos na educação dos filhos e filhas. Berger e Luckmann (2014, p. 83) consideram: “[...]. Empiricamente, está claro, o mundo institucional transmitido pela maioria dos pais já tem o caráter de realidade histórica e objetiva. O processo de transmissão simplesmente reforça o sentido que os pais têm da realidade, [...]”. Portanto, o indivíduo recebe e pautará suas ações por influências, também religiosas, que nortearão sua conduta social ao longo de sua existência.

A religião e o comportamento religiosos, muitas vezes herdados dos pais, encaminham os filhos a terem comportamentos sociais diferentes como uma forma de validar e/ou confirmar os ensinamentos dos seus progenitores. A educação dos filhos é, sem dúvida, uma atribuição complexa para a família, especialmente nos tempos atuais, devido a todas as transformações que surgem. Da forma como acontece a educação, influenciada pela religião, pode se constituir indivíduos religiosos conservadores, rigorosos consigo e com as demais pessoas, inviabilizando uma convivência pacífica.

O universo escolar, formado por uma diversidade de estudantes oriundos de diferentes grupos e comunidades, é permeado por diferentes orientações religiosas e, inevitavelmente, apresenta tensões e conflitos devido à convivência, entre esses indivíduos, quando marcada por preconceitos e discriminações. Desse modo, entendemos que a complexidade do campo religioso também se faz presente no ambiente escolar que, por sua vez, exerce um importante papel na orientação, dos estudantes, sobre a diversidade religiosa e sobre a importância da convivência harmoniosa com a diferença.

A religião e a escola são instituições que fazem parte do processo de socialização do indivíduo. Por meio delas, os indivíduos convivem partilhando concepções de vida e de comportamentos, inclusive religiosos. E, nesse partilhar, produzem e reproduzem visões de

mundo construídas nos mais diferentes espaços da vida social e que, ali, nos ambientes religioso e escolar, se manifestam como parte do ser social.

O panorama religioso brasileiro é marcado pela pluralidade de crenças como afirmam Alves, Dworak e Oliveira (2013, p. 14): “O pluralismo e a diversidade religiosa como características da contemporaneidade se fazem presente cada vez mais no campo religioso brasileiro. [...]”. Essa realidade se deve ao fato do Brasil ser formado por povos de diferentes origens e culturas que, nesse contato contínuo, contribuíram e contribuem para a riqueza que representa a diversidade religiosa brasileira, como também afirmam Alves, Dworak e Oliveira (2013, p. 11):

A especificidade do campo cultural brasileiro contemporâneo está relacionada com a história do Brasil, marcada desde as suas origens pelas diversidades culturais, raciais e religiosas. O campo sociocultural e religioso brasileiro apresenta dinâmicas e estruturas próprias, fundadas a partir do processo de miscigenação, que, por sua vez, contribuiu para o surgimento e desenvolvimento destas diversidades.

Atualmente, podemos observar uma variedade de religiões existentes no Brasil. O Cristianismo, o Judaísmo, o Islamismo, as Afro-brasileiras, entre outras religiões, com maior ou menor representatividade, conquistaram seus adeptos. Dentro do segmento cristão observamos a propagação de muitas igrejas diferentes, é o caso das chamadas igrejas evangélicas. Isso, por sua vez, representa uma forma de expansão do movimento protestante nos tempos atuais que, como afirma Souza (2013, p. 127):

No Brasil o movimento pentecostal tem produzido mudança não só na quebra da hegemonia católica, como vem contribuindo fortemente para o surgimento de movimentos de renovação das chamadas “igrejas protestantes históricas”, bem com, do movimento de renovação carismática católica. [...].

À diversidade religiosa presente nas sociedades atuais, especialmente nos países laicos, subentende liberdade religiosa. A liberdade religiosa evidencia a dificuldade de aceitação que constatamos cotidianamente nos mais diferentes espaços. Observa-se um despreparo para a aceitação da pluralidade de crenças e para o respeito à diferença de escolha religiosa do outro, o que, por sua vez, é origem de conflitos de convivência em função de atitudes intolerantes manifestadas como meios de censura.

A liberdade de viver uma religião divergente da maioria, ou de construir uma religiosidade própria, é negada ao indivíduo pela pressão das convenções sociais que lhes são impostas. E, a obediência a estas lhe é cobrada, a todo tempo, por meio de preconceitos e discriminações.

Desse modo, com receios de se libertarem dessas correntes perversas que lhes negam a liberdade e o seu direito de ser quem és de fato – a sua identidade, o indivíduo sucumbe à pressão social. Alves (1981, p. 89-90) lembra:

[...]. E todos sabem que a transgressão das leis que regem este mundo provoca punições e deixa estigmas dolorosos... Por detrás da máscara, entretanto, está um outro ser, amordaçado, em ferros, reprimido, recalçado, proibido de fazer ou dizer o que deseja, sem permissão para ver a luz do sol, condenado a viver nas sombras... É o desejo, roubado dos seus direitos, e dominado, pela força, por um poder estranho e mais forte: a sociedade. O desejo grita: "Eu quero!" A sociedade responde: "Não podes", "Tu deves". *O desejo procura o prazer. A sociedade proclama a ordem.*

E assim se configura o conflito.

A diversidade religiosa no Brasil e no mundo é real, mas também o são a dificuldade e a resistência em aceitá-la. A tendência, ou a intransigência, em afirmar a sua religião como a verdadeira portadora dos desígnios divinos prevalece entre os fundamentalistas, gerando o desrespeito ao pensamento e à opção divergente, o que chamamos hoje de intolerância religiosa, fruto de tal dificuldade. A dificuldade de convivência – aceitação e diálogo - com o diferente se percebe entre os fiéis e entre as religiões, que estimulam, em vários casos, o combate às práticas diferentes das suas.

O Brasil é um Estado laico o que, em tese, significa a convivência pacífica das mais diferentes religiões que aqui são praticadas. Significa também que as mais diferentes opções religiosas devem ser respeitadas, de modo que não se deve tratar as pessoas com discriminação em função dessas escolhas.

Porém, ao exteriorizar suas convicções e práticas religiosas, o ser humano, muitas vezes, também se depara com concepções religiosas diferentes das suas. Quais serão seus impulsos e como ele lidará com eles? Como ele organiza seus pensamentos, sua forma de agir, inclusive, com as outras pessoas? A partir daí, como será a sua conduta? Como esse indivíduo, que tem sua vida pautada pela religião, organiza e vive a sua rotina? É intolerante com os outros, religiosos ou não, a partir da visão religiosa que ele construiu ou que lhe foi imposta? São importantes questionamentos a serem pensados e repensados, pois o indivíduo partilha suas concepções e vivências em grupos e comunidades, inclusive religiosas.

No Brasil, o Cristianismo é a religião predominante e, por isso mesmo, exerce uma força que leva, não raro, o país a ser considerado como cristão. Entretanto, oficialmente, o Brasil é um

país laico, e nele coexistem as mais diversas práticas religiosas. Todavia, em meio a toda a diversidade religiosa brasileira, a supremacia de uma corrente religiosa, mal administrada ou mesmo administrada com a intenção de segregar, de marginalizar, pode causar sérios conflitos entre os diferentes grupos religiosos, tendo, como exemplo, as ocorrências cotidianas de outras identidades religiosas serem perseguidas, discriminadas e marginalizadas.

A religião e a religiosidade também compõem a identidade do indivíduo. Woodward (2012, p. 40) afirma: “As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de formas de exclusão *social*. [...]”. Nesse sentido Silva (2012, p. 82) diz: “A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. [...]. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. [...]”.

A imposição de normas, pelas instituições, e a cobrança da obediência a essas normas, exercida pelas próprias instituições e por seus membros mais devotos, representam a prática do poder que leva pessoas a subestimar e reprimir as identidades e práticas diferentes da que professam. Silva (2012, p. 83) considera que:

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. [...]. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. [...].

A religião que o indivíduo professa diz muito sobre a sua cultura e sobre a sua forma de existir – diz muito da sua subjetividade - e, assim, também o diz a sua não religiosidade. Desse modo, a importância de (re)afirmar sua identidade religiosa, tornando evidentes as próprias concepções, significa que o indivíduo reivindica seu lugar de escolha ou de pertencimento a um grupo étnico-cultural religioso, o lugar que lhe é de direito. Woodward (2012, p. 56) observa que:

[...]. Entretanto, nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade. [...]. As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades. [...].

O desrespeito à subjetividade e à identidade das pessoas provoca o estremecimento das relações entre os sujeitos pertencentes a uma mesma comunidade.

No que diz respeito ao fator religião/religiosidade, devemos considerar que a religião assumida pelo indivíduo o tornará membro de um grupo e, talvez, alvo de outro(s) grupo(s) por ter assumido concepções e ritos alvos de preconceitos e discriminações sociais, movidos pelo desrespeito à individualidade e às concepções pessoais do ser humano particular, dotado de sentimentos, razões e de pertencimento étnico, cultural e ancestral, enfim, dotado de identidade.

O ser humano não se apresenta como de fato é, ou seja, ele representa aquilo que deixam que ele seja, e, apenas até o ponto que lhe é permitido. Trata-se do enquadramento em que ele se vê por ter sido ali colocado. Berger (1985, p. 27) afirma: “[...]. A sociedade confere ao indivíduo não só um conjunto de papéis, mas também uma identidade designada. [...]”.

Caso o indivíduo atinja a consciência das coisas, das convenções sociais, enfim, atinja a consciência das doenças da sociedade e das contradições sociais que o enclausura, e que o violentam e prejudicam suas relações sociais; caso ele perceba a negação de si assumindo “outro ser” para, enfim, se igualar aos demais indivíduos enquadrados pelas convenções sociais, dominado e arruinado em seu ser mais profundo, tendo negada a sua necessária liberdade, e que não poderá mais assumi-la, à custa dos ditames da sociedade da qual faz parte, será penalizado. O indivíduo pagará o preço da discriminação, imposta pela religião enquanto instrumento de poder, de coesão, de controle das pessoas, individualmente e em coletividade. Alves (1981, p. 90-91) pondera:

[...]. Entretanto a psicanálise afirma que, se é verdade que a essência da sociedade é a repressão do indivíduo, a essência do indivíduo é a repressão de si mesmo. Somos os dois lados do combate. Perseguidor e perseguido, torturador e torturado. Não é exatamente isto que experimentamos no sentimento de culpa? Somos nossos próprios acusadores. [...]

As instituições sociais tem o caráter de controle social e exercem isso por meio de diversos mecanismos. Ao exercer seu poder de coerção sobre os indivíduos, ao exercer os mecanismos de controle que detém para isso, o faz independente da vontade do indivíduo.

É a instituição que determina, e ao indivíduo cabe seguir tais determinações mesmo não tendo a consciência da opressão que isso significa, mas considera tais determinações como reais. É assim que é, portanto, deves obedecer às regras. O indivíduo é submetido aos poderes das

instituições, ao seu sistema de controle social, não podendo fugir disso. Portanto, as instituições sociais, realidades inegáveis, resistem ao tempo e às gerações.

Sobre as instituições, Berger (1985, p. 50) afirma: “[...]. Transcendem a morte dos indivíduos e a dissolução de coletividades inteiras, porque se fundam agora em um tempo sagrado no qual a história humana é um simples episódio. Num certo sentido, por conseguinte, tornam-se imortais”. Entretanto, as instituições não são organismos estáticos, mas uma produção humana coletiva. Portanto, ativas na construção do mundo pelo ser humano. Mesmo sendo sujeitas às transformações sociais, as instituições vão se sobrepondo e, assim, continuam sobrevivendo ao dinamismo da sociedade. Também, as instituições religiosas vão se tornando perenes.

O indivíduo organiza sua conduta, inclusive, dando um sentido coercitivo para o seu comportamento e estabelecendo, também por meio da religião, valores que o guiarão no seu dia a dia, na sua vida prática e, desse modo, entende-se que a religião produz valores e padrões de comportamento que todos, fiéis ou não, devem seguir.

São tramas da vida social devidas ao enraizamento de concepções influenciadas por um engessamento mental – uma alienação, que caracteriza uma visão praticamente inamovível em acordo com a ética da religião praticada pelo grupo social do qual o indivíduo é parte e que, muitas vezes, prende-o em comportamentos intolerantes.

O indivíduo, enquanto ser social, ao direcionar suas atitudes nos permite observar as significações dos seus pensamentos por meio de suas concepções e de seus comportamentos, tornando claro o ser que é e sua forma de lidar com o mundo e de manter as relações sociais.

As nossas concepções são historicamente produzidas, estão de acordo com o meio sociocultural no qual convivemos, portanto, são valores sociais. Embora o ser humano tenha a capacidade de agir conscientemente, parecem surpreendentes as atitudes que revelam desacordo com os valores sociais postos como produtores de relações harmoniosas.

A presença estruturante da religião determina a vida das pessoas em sociedade. Compreendendo o dinamismo da vida social com suas relações, valores, hábitos, crenças e atitudes, devemos entender que esses elementos que compõem a vida social podem provocar choques que resultem em convivências conflituosas. Os conflitos, por sua vez, evidenciam

comportamentos desviantes do que é considerado como um modo mais adequado para a vida harmoniosa em sociedade.

Desse modo, entendemos a sociedade como construção humana e o ser humano como construção da sociedade. Enfim, um mundo do faz de conta que vivemos o que somos, quando, em verdade, vivemos os papéis designados a nós pela sociedade, pois sermos quem de fato somos, em verdade, não nos é permitido se isso “afronta”; se isso é desviante dos padrões normativos, enquadradores e violentadores do ser humano. São articulações forjadas para que as estruturas sociais sejam fortalecidas e cumpram o seu papel. No entanto, também devemos compreender essas situações como parte do ser humano, como ser complexo que de fato é, em suas relações com o mundo, para o bem e para o mal, na constituição das sociedades.

## 4 OS RESULTADOS DA PESQUISA

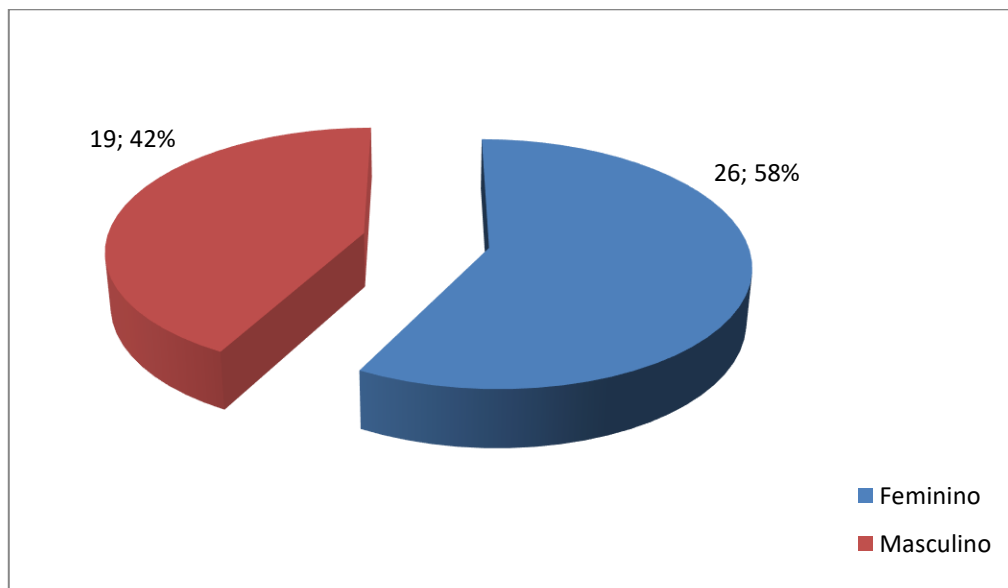
### 4.1 O PERFIL DOS ENTREVISTADOS

A pesquisa de campo, realizada no Colégio Estadual Governador Roberto Santos (CEGRS), teve 45 (quarenta e cinco) estudantes entrevistados de 03 (três) classes do 2º ano do Ensino Médio, tendo sido realizada uma sessão de entrevistas em cada classe.

Os estudantes entrevistados são moradores de Narandiba, Tancredo Neves, Arraial do Retiro, Cabula, Sussuarana, São Gonçalo, Mata Escura, Pernambués, Engomadeira e Barreiras. São localidades situadas próximas ao CEGRS, na cidade de Salvador, no estado da Bahia.

O gráfico 1 apresenta o quantitativo de estudantes que participaram das entrevistas, dividido por sexo.

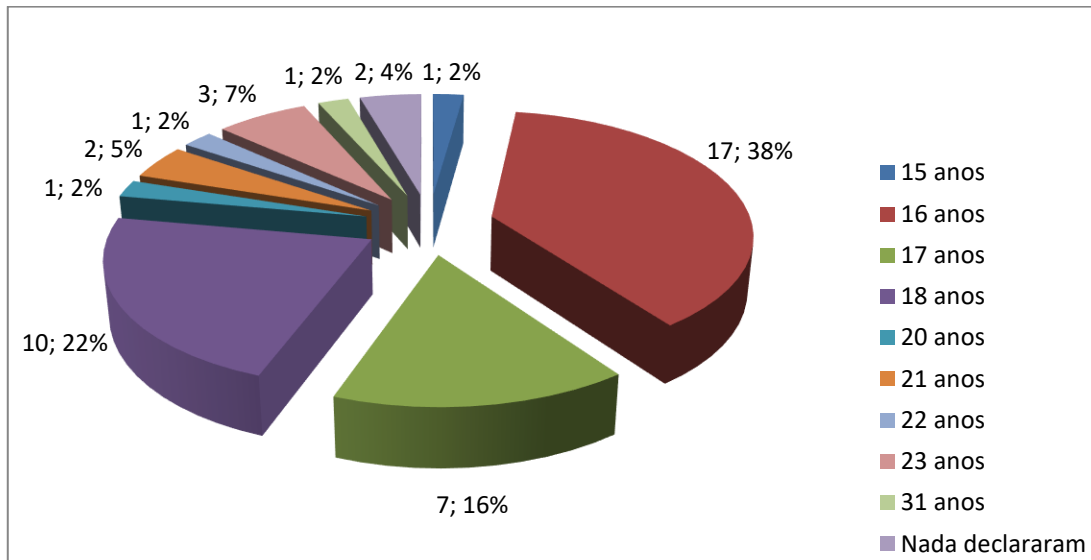
Gráfico 1: Distribuição dos entrevistados, por sexo



Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

As sessões de entrevistas foram formadas por estudantes dos dois sexos e compuseram o total distribuído de acordo com o demonstrado pelo gráfico 1, acima, com 58% (cinquenta e oito por cento) de entrevistadas e 42% (quarenta e dois por cento) de entrevistados.

Gráfico 2: Distribuição dos entrevistados por idade

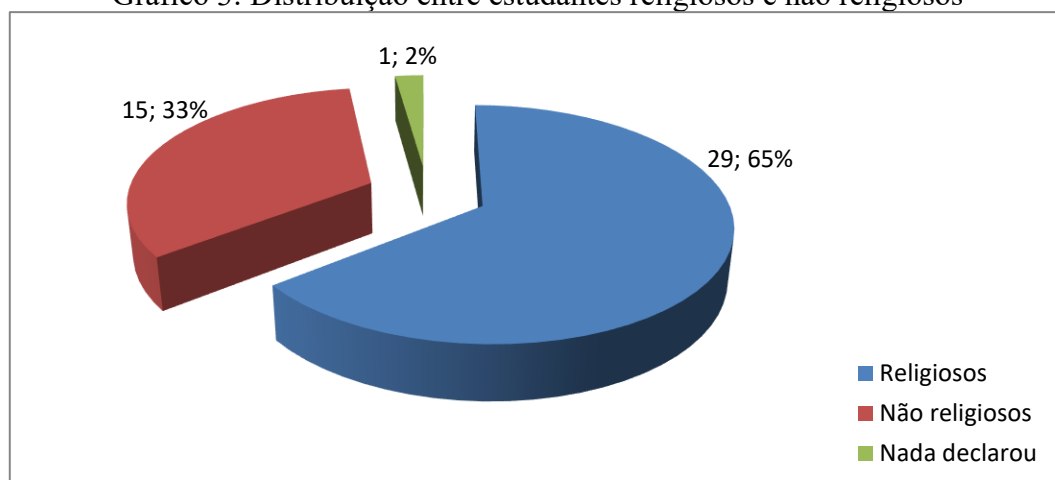


Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

O gráfico 2, acima, apresenta a idade dos estudantes participantes da pesquisa, de modo que cumpre destacar que não foi determinada uma faixa etária para a participação dos mesmos nas sessões de entrevistas. A idade dos entrevistados variou entre 15 (quinze) e 31 (trinta e um) anos. Observou-se a predominância de adolescentes, somando 35 (trinta e cinco) estudantes com idade entre 15 (quinze) e 18 (dezoito) anos, perfazendo 78% (setenta e oito por cento) do total geral de 45 (quarenta e cinco) entrevistados.

Ao serem perguntados, por meio da ficha de informações básicas, sobre serem religiosos ou não religiosos, os estudantes apontaram o resultado apresentado pelo gráfico 3.

Gráfico 3: Distribuição entre estudantes religiosos e não religiosos

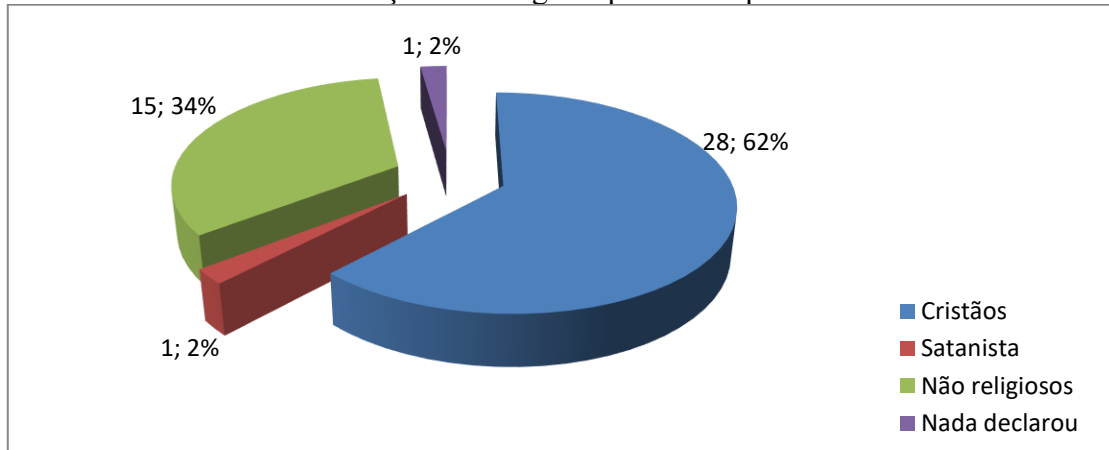


Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

O gráfico 3, acima, expressa o quantitativo predominante de religiosos no CEGRS, compreendendo 65% (sessenta e cinco por cento) dos entrevistados. O percentual de não religiosos também é bastante expressivo, somando 33% (trinta e três por cento) dos entrevistados.

Os entrevistados declararam suas religiões conforme o resultado apresentado no gráfico 4.

Gráfico 4: Distribuição das religiões praticadas pelos entrevistados



Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

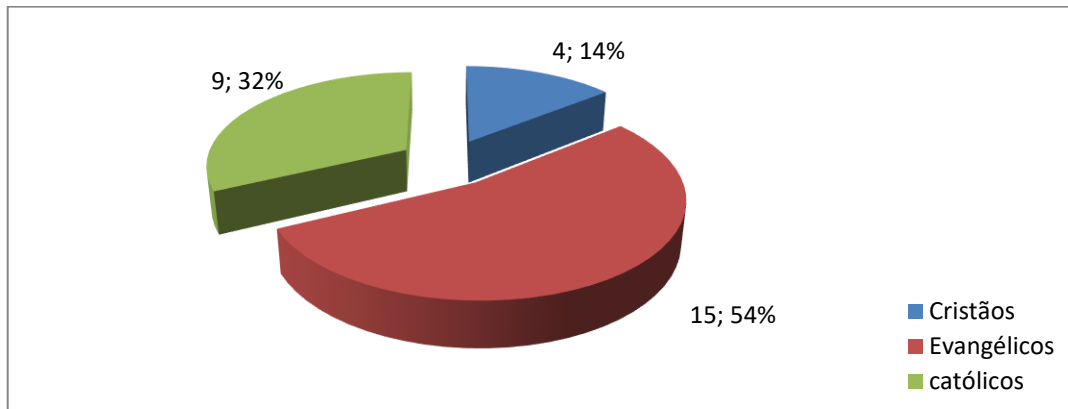
Conforme o gráfico 4, acima, observamos a preponderância do Cristianismo entre os estudantes do CEGRS.

Os cristãos somam o total de 28 (vinte e oito) adeptos, perfazendo 62% (sessenta e dois por cento) do total dos entrevistados; enquanto 34% (trinta e quatro por cento) se declararam não religiosos.

O gráfico 5, a seguir, expressa os diferentes segmentos do Cristianismo com adeptos no CEGRS.

O maior quantitativo é de evangélicos, somando 15 (quinze) adeptos, correspondendo a 54% (cinquenta e quatro por cento) dos declarados cristãos; seguido pelo total de 09 (nove) católicos, correspondendo a 32% (trinta e dois por cento) do total geral de 28 (vinte e oito) religiosos cristãos.

Gráfico 5: Distribuição dos estudantes cristãos por movimento religioso



Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

Como podemos observar no gráfico 5, o total de 04 (quatro) estudantes, entre os declarados cristãos, ao declararem sua religião mencionaram em suas fichas apenas os termos “cristão” ou “cristã”. Isso, pode significar que eles se declararam dessa forma por não terem optado por um segmento dentro do Cristianismo – católico, evangélico ou espírita, por exemplo. Entretanto, também pode significar que sejam evangélicos, uma vez que se pode verificar nas declarações, escritas e/ou orais, de alguns entrevistados que, quando se referiram a “cristão” ou a “cristã” estavam, em verdade, se referindo a evangélico ou evangélica.

#### 4.2 A RELAÇÃO INDIVÍDUO/RELIGIÃO

O CEGRS apresenta uma comunidade de estudantes com diferentes formas de relacionamento com a religião. A estudante 1M, cristã, avalia que “As pessoas lidam de formas diferentes. Algumas seguem de forma mais assídua, outros dão menos importância”. O estudante 4M, católico, diz: “Eu observo que as pessoas lidam de uma forma livre, [...]”.

As declarações dos respondentes 1M e 4M confirmam algo que se pode constatar cotidianamente. As pessoas passam a lidar com mais liberdade com as religiões, inclusive, observa-se a ocorrência de certo distanciamento por pessoas que não veem importância que as impulsionem a estabelecer vínculos com uma religião. Berger (1985, p. 177) afirma: “[...] a consciência moderna tornou-se altamente secularizada, isto é, que as afirmações religiosas

tradicionais tornaram-se progressivamente “irrelevantes” para um número cada vez maior de pessoas. [...]”.

Ainda assim, é nítido, na sociedade brasileira, a vinculação crescente de pessoas às igrejas, principalmente protestantes, mas também a outras formas de cultos, crenças e práticas religiosas.

Dessa forma, observamos que o fenômeno religioso se fortalece no presente, mas, por outro lado, há pessoas que demonstram maior independência, adotando posturas mais pessoais não se deixando dominar, como dantes, pelas doutrinas religiosas. E passam, assim, a construir práticas de crença, de fé e posturas muito próprias, seguindo, ou não, uma religião oficialmente constituída.

Assim, procuram obter explicações para sua existência, para a existência dos povos, para a existência do mundo e para os significados que permeiam tudo isso de uma forma um tanto independente, ou, pelo menos não tão dependente dos ditames estabelecidos socialmente. E, muitas vezes, sem medo do julgamento social. Sem medo do julgamento preconceituoso e discriminatório que constrange, oprimindo e excluindo o indivíduo do seu direito nato de liberdade.

Entre os participantes das entrevistas, em uma soma expressiva, 29 (vinte e nove) estudantes se declararam religiosos. O estudante 32N, evangélico, considera: “[...] uma religião para um indivíduo é muito importante para que haja uma interligação do homem até Deus, [...]”. A crença na religião como uma ligação com o divino, com o sagrado, representa para o fiel religioso a sua busca pela salvação. Alves diz (1981, p. 121): “[...] Acontece que as pessoas religiosas, ao dizer os nomes sagrados, realmente creem num "lá fora" e é deste mundo invisível que suas esperanças se alimentam. [...]”.

A crença na divindade e na necessidade de elevação a um plano superior que, por sua vez, significa a elevação do ser humano, frágil e pecador, a um grau de purificação pelo perdão dos pecados, motiva o indivíduo a buscar a bem-aventurança por meio da religião, o que significa dizer que o indivíduo acredita na sua crença religiosa e no Deus salvador que o levará à sua salvação. É nesse sentido que o estudante 7N, evangélico, acredita que a religião seja um meio ou o caminho para a salvação dizendo que: “[...], exercer relação com minha religião é fundamental para minha salvação”.

As opiniões que seguem demonstram que o indivíduo acredita na religião como um apoio físico e espiritual. O estudante 4N, não religioso, considera: “A religião é uma coisa em que o indivíduo procura se apoiar espiritualmente. Por que quando a pessoa se sente aflita sempre procura um apoio”. O estudante 8M, cristão, por sua vez, considera que “As pessoas buscam suprir suas necessidades através da religião buscando respostas que muitas vezes não encontram. buscam muitas vezes se aliviarem, buscarem curas não somente física”. O estudante 6N, não religioso, partindo da mesma concepção, disse que:

Ter pessoas em volta de outras religiões é sempre bom, pelo fato de sempre trazer energias positivas e palavras de conforto, que normalmente a gente que tá... é... fala da religião... a gente... não presta um pouco de atenção nessas coisas. Eles estão em outro nível espiritual, então, é sempre bom ter pessoas dessa forma, [...].

Portanto, como podemos constatar, a relação do indivíduo com a religião se baseia também pela crença de que as pessoas veem na religião uma forma de aliviar suas dores e sofrimentos, embora nem sempre satisfeitas e, também, como afirma o estudante 6N que, mesmo não sendo religioso, acredita que a religião eleva o nível espiritual do indivíduo religioso, dotando-o da capacidade de oferecer apoio às demais pessoas.

A estudante 5N, evangélica, também entende que a religião, voltada para o bem do próximo, serve para aplacar as dores humanas. E, de modo semelhante ao estudante 6N, ela também acredita que os religiosos podem proporcionar apoio espiritual aos demais. Disse ela:

É importante por que temos que ter fé em algo ou servir uma crença, pois o mundo tá tão individualista que com a religião as pessoas se unem mais tem mais oportunidade de praticar o bem e as vezes a pessoa precisa de uma palavra especial que levanta o seu astral que as vezes você se sente na solidão e vem uma pessoa e te diz Jesus te ama e eu também só em dizer isso a pessoa se sente acolhida.

E com isso as pessoas se sentem bem espiritualmente [...].

O estudante 7N, evangélico, diz: “Eu particularmente creio que é essencial pra mim e para o próximo também, [...]”. Assim como a estudante 5N, o estudante 7N também defende a importância da religião para as pessoas.

Ao utilizar o termo “temos” em sua declaração, a estudante 5N, conscientemente ou inconscientemente, faz-nos entender que, para ela, seguir uma religião é um compromisso importante, pois o termo “temos”, no contexto em que foi usado, confere um sentido

imperativo à frase. É algo ainda evidente em nossa sociedade, mesmo parcialmente, a concepção de que todos devem professar uma religião.

A estudante 3V, satanista, declarou: “[...]. Na verdade eu sou um pouco contra a religião porque a minha família tem essa ideia da religião ser uma base e isso irrita muito. [...]”. A estudante 3V, em um posicionamento divergente da estudante 5N expressou o descontentamento com a imposição exercida por outros. A imposição da sociedade, exercida por meio de qualquer ente social, para que seus participantes assumam uma religião está expressa nas declarações desses respondentes. Durkheim (1996, p. 237) diz:

[...]. É que o pensamento social, por causa de sua autoridade imperativa, possui uma eficácia que o pensamento individual não poderia ter; pela ação que exerce sobre nossos espíritos, é capaz de nos fazer ver as coisas sob a luz que lhe convém; ele acrescenta ou suprime coisas do real, conforme as circunstâncias. [...].

Entretanto, a resistência à imposição social também se mostrou por meio das declarações de vários respondentes, a exemplo da estudante 3V. O estudante 11V, católico, afirma: “Eu sou da igreja católica e eu não costumo frequentar muito porque eu acho que eu não preciso estar na igreja pra mim ter crença. Eu prefiro ter minha própria fé em vez de tá frequentando. [...]”. A estudante 5V, evangélica, de modo semelhante ao estudante 11V, diz: “Não frequento muito à igreja, mas eu creio que para ter fé não precisa estar na igreja o dia todo, pois o que salva não é a igreja e uma fé”.

Tomando como exemplo esses respondentes, concluímos que vários deles consideram que não é necessário adotar uma religião; outros consideram que frequentar a igreja com assiduidade não é uma demonstração de fé. Enfim, eles consideram que a prática religiosa não representa, necessariamente, crença e, nem sequer, significa meio de busca da salvação.

Ainda, considerando que o eixo da pergunta é a relação do indivíduo com a religião, podemos perceber que os respondentes 11V e 5V, ao se referirem às igrejas que frequentam, consideram-nas como se fossem suas próprias religiões. Também o estudante 7N declara como sua religião a igreja que frequenta - Adventista do Sétimo Dia. Isso é algo muito comum e pôde ser constatado, na pesquisa de campo no CEGRS, quando alguns estudantes, a exemplo desses citados, citaram sua igreja como sendo a sua própria religião.

As pessoas têm suas condutas dirigidas pelas instituições sociais e, entre elas, a religião que, por essa condição, transcende a existência individual dos sujeitos e os moldam para a atuação

na sociedade a partir dos valores religiosos. Valores, esses, que são absorvidos por meio de um processo de educação influenciado pelo fator religião/religiosidade. A estudante 12N, não religiosa, considera: “A religião tem um grande poder sobre as pessoas sendo elas religiosas ou não. Poderes esses que vão de positivo e negativo, [...]”. Berger e Luckmann (2014, p. 84) afirmam:

[...]. As instituições, como facticidades históricas e objetivas, defrontam-se com o indivíduo na qualidade de fatos inegáveis. As instituições estão *aí*, exteriores a ele, persistentes em sua realidade, queira ou não. Não pode desejar que não existam. Resistem a suas tentativas de alterá-las ou de evadir-se delas. Têm um poder coercitivo sobre ele, [...].

A Sociedade necessita conservar, reforçar e reafirmar os sentimentos e ideias coletivos que fazem sua unidade, por meio do cumprimento às convenções socialmente estabelecidas.

A estudante 13N, não religiosa, ao tratar da importância da religião argumenta: “Se é importante?! Acredito que não, [...]”. Atualmente, as pessoas exercem mais a sua liberdade de escolha que, em tempos atrás, não era aceitável socialmente. A estudante 3V, satanista, declara: “Eu acho perda de tempo. [...], mas eu não gosto de religião. [...]”. Enquanto a respondente 3N, não religiosa, diz: “Eu não entendo nada de religião não. Não sou religiosa. Não tenho a mínima ideia do que seja isso. [...]”. São declarações de jovens estudantes do CEGRS que se afastam, ou mesmo não se aproximam da religião, exemplificando o distanciamento que, principalmente as novas gerações, demonstram com o assunto religião, o que evidencia o desinteresse deles pelo ingresso no mundo religioso, sequer para se informar a respeito desse assunto.

São jovens que não consideram a experiência religiosa como algo importante, e que não escolheram a vivência religiosa como meio de socialização para suas vidas. Isso não significa, necessariamente, que tenham se distanciado dos seus compromissos com a sociedade da qual fazem parte. Também não significa que não sejam influenciados, de uma forma ou de outra, pela sociedade irremediavelmente imbuída de valores religiosos na qual estão inseridos.

Os declarados não religiosos somam o total de 15 (quinze), e 01 (um) respondente nada declarou, perfazendo, assim, também, uma quantidade bastante expressiva no universo de 45 (quarenta e cinco) participantes da pesquisa de campo. Isso denota a falta de interesse pela religião ou, por assim dizer, a ausência da necessidade de opção religiosa entre esses estudantes do CEGRS.

Entretanto, declararem-se não religiosos, ou mesmo nada declararem, pode significar também, ou especialmente, a falta de liberdade desses estudantes para expor suas opções e concepções acerca de sua religiosidade, caso pratiquem alguma, devido à intolerância religiosa.

### **4.3 O NÍVEL DE ACEITAÇÃO DA DIVERSIDADE RELIGIOSA PELOS ESTUDANTES**

#### **4.3.1 O reconhecimento da diversidade religiosa pelos estudantes**

O Brasil apresenta uma diversidade religiosa, pois têm em sua constituição além das religiões originadas da formação inicial de seu povo, também as demais religiões que, como não poderia deixar de ser, foram absorvidas no contato com as culturas religiosas de outros povos. O reconhecimento dessa diversidade religiosa está presente entre os estudantes do Colégio Estadual Governado Roberto Santos (CEGRS), conforme declara o estudante 32N, evangélico: [...] a população soteropolitana ou a nação brasileira, em termo de religião acabam se tornando mistas, [...]. Alves, Dworak e Oliveira (2013, p. 12) afirmam:

[...]. Muito embora o catolicismo seja a religião majoritária no Brasil, graças principalmente à sua faceta popular, o cenário religioso brasileiro é composto por uma pluralidade e diversidade religiosa típicos da era em que vivemos, graças principalmente à globalização, responsável por promover o encontro entre as culturas.

As declarações a seguir apontam que a diversidade religiosa brasileira também se manifesta no CEGRS. A estudante 1M, cristã, reconhece que: “[...]. No dia a dia, no colégio, pode-se notar a diversidade religiosa, [...]”. O estudante 4M, católico, diz: “[...]. Bom eu observo que existem várias religiões e que entre um grupo de pessoas existem duas ou três que são de religião diferente e uma que não tem religião. [...]”. O estudante 2M, não religioso, observa que: “[...]. No colégio podemos encontrar várias pessoas de religiões diferentes, aqui na sala tem um exemplo. [...]”.

Esses participantes da pesquisa percebem no CEGRS um ambiente diverso em religiões, pois, de acordo com eles, em seu colégio há religiosos de vários segmentos, como também pessoas que não adotam nenhuma religião. Entretanto, é também evidente que em suas declarações a

diversidade não esteve tão presente, pois nenhum respondente se declarou ateu, nenhum se declarou de religião de matriz africana, nenhum se declarou de religião espírita, como também não houve nenhuma outra declaração de outro tipo de preferência religiosa.

O estudante 2M declara que há adeptos de várias religiões em sua classe. Há uma diversidade religiosa formada por colegas católicos, evangélicos e de matriz africana, segundo ele. O estudante 11V, no turno vespertino, declara que estuda com um colega ateu. A estudante 3V, também do turno vespertino, declara-se satanista. São evidências de que no CEGRS há uma diversidade de pensamentos diferentes em termos de fé. Isso deixa claro que o ambiente desse colégio não é um reduto de cristãos como aponta a maioria das declarações feitas pelos estudantes.

Os estudantes do turno vespertino ao serem indagados se haviam estudantes de diversas religiões naquela classe, confirmaram que havia apenas cristãos – católicos e evangélicos. A estudante 3V, também do turno vespertino, afirma que não há pessoas de religiões afro-brasileiras naquela sala de aula. Segundo ela, todos os colegas religiosos da sala são cristãos, entre católicos e protestantes, exceto ela que é satanista. Ainda, como disse ela, nos momentos em que diz que é satanista cada um quer dar sua opinião e, por isso mesmo, ela afirma: “eu sei quem é cada um”, ou seja, ela afirma saber qual a orientação religiosa de cada estudante de sua classe.

Foi constatada, mediante declarações de colegas, a existência no CEGRS de estudantes de diversas práticas religiosas, pois, além dos que expressaram sobre sua religiosidade ou sobre a sua não religiosidade, também constatamos a existência de religiosos de matriz africana e de ateus. Ademais, vale lembrar que parte dos estudantes não se sentiu à vontade para declarar sua religião nas entrevistas, de modo que houve aqueles que declararam não serem religiosos e outros que não participaram da pesquisa.

#### **4.3.2 O reconhecimento da intolerância religiosa pelos estudantes**

A intolerância religiosa no Brasil representa uma face muito perversa do caos social que vivemos. Muitos conflitos acontecem, cotidianamente, por conta de comportamentos que deixam transparecer formas de crenças que incentivam atos de desrespeito à diversidade religiosa.

Uma situação interessante que pudemos observar nas entrevistas no CEGRS é que, ao serem indagados sobre a relação indivíduo/religião, uma parcela significativa dos estudantes relacionou suas respostas à intolerância religiosa. Isso sugere que, ao pensar na relação que as pessoas nutrem com a religião, o que lhes vem à mente, em primeiro plano, é a forma como as pessoas lidam, umas com as outras, em função das diferentes opções religiosas, e não o grau de importância que a religião exerce na vida delas.

Ademais, isso demonstra o quanto essa problemática em torno das questões relacionadas à intolerância religiosa está presente na vida deles. A estudante 14M, evangélica, declara que: “A religião no Brasil é algo discriminado e não há respeito entre a sociedade”. Desse modo, o preconceito e a discriminação direcionados às religiões, e sofridos por seus praticantes, foram denunciados por diversos estudantes do CEGRS, como também afirma a estudante 1M, cristã: “[...] pode-se notar o preconceito, a exclusão que alguns indivíduos fazem em relação aos outros”.

A não aceitação da diversidade religiosa, seja por falta de conhecimento ou por resistência pessoal, é causa de divergências no seio da sociedade. Preconceitos e discriminações são percebidos conforme declara a estudante 14M e também o estudante 5M, cristão, que diz:

As relações das diferentes religiões muitas vezes diverge em aceitação de uma religião que seja diferente da que uma pessoa seja frequentadora ou lhe seja aceitável devido a contexto da sociedade.

As diferentes pessoas lidam de várias formas às diferentes religiões, umas aceitam as dos outros, e tem outros que simplesmente discriminam.

A estudante 12N, não religiosa, afirma: “Existe muita intolerância religiosa no nosso país, por tanto os momentos harmonioso entre religiões distintas são bem poucos. [...]”. O que se pode detectar conforme essas declarações é que a intolerância religiosa disseminada pela sociedade é reproduzida pelos indivíduos em suas relações cotidianas.

Ao não aceitar as religiões diferentes da que professa e as práticas religiosas diferentes das que pratica, as pessoas demonstram o nível de dificuldade ou de resistência em aceitar os diferentes modos de viver a religiosidade. A estudante 13M, evangélica, observa que: “As pessoas discriminam muitas vezes a religião do próximo por não se assemelhar a sua”. A declaração do estudante 5M também confirma essa realidade.

Continua, ainda hoje, muito difícil a convivência entre as pessoas, devido às animosidades motivadas pela intolerância religiosa que se pode observar nos mais diversos ambientes. Como diz a estudante 13N, não religiosa: “É complicado pois muitos por não aceitar a religião do outro julga muito, falam mal, dizem que não prestão...”

Diversas religiões, assim como seus seguidores, são citadas pelos estudantes como alvos da intolerância religiosa. O estudante 6N, não religioso afirma que se pode “[...] ver e ouvir certos tipos de desrespeito para com todo tipo de religião”. A estudante 13N, não religiosa, observa a ocorrência de embates por conta de opiniões diferentes entre as religiões e cita, como exemplo, as desavenças que ocorrem entre pessoas do “Candomblé e igreja”.

A estudante 14M, evangélica, declara: “As pessoas na maioria das vezes não respeitam e não são a favor de muitas religiões, na minha opinião o candomblé (afro brasileira) é a mais discriminada, [...]”. O estudante 7M, não religioso, considera que: “Algumas pessoas não se adaptam com as religiões alheias e até discriminam. Como no caso do candomblé muitos chamam de macumba por preconceito que é uma religião de negros, por isso acho que existe o preconceito, porém “brancos” também estão lá”.

As religiões de matriz africana, a exemplo do Candomblé, citado pela estudante 14M e pelo estudante 7M, é também citada pela estudante 13M, evangélica, que diz: “Muitas religiões não são aceitas e nem respeitadas. Na minha opinião as religiões afro-brasileiras são as que mais sofrem por não aceitarem a religião deles”. A intolerância religiosa é denunciada também como sintoma ou consequência do racismo presente na sociedade.

Percebendo as religiões afro-brasileiras e seus adeptos como os mais atingidos pelo preconceito, como declarado aqui pelas estudantes 14M, 13M e pelo estudante 7M, há que se levar em consideração o racismo religioso, haja vista os casos noticiados de ataques a templos de religiões de matriz africana, mas também aos praticantes dessas religiões. Devido à pressão que sofrem, em razão dos preconceitos e discriminações praticados pelos colegas adeptos de outras religiões, como foi constatado durante as entrevistas no CEGRS, nenhum dos estudantes se declarou de religião de matriz africana.

Considerando que a cidade de Salvador e sua região, com as características histórico-religiosas que possui, e como uma guardiã e promotora das expressões das culturas afro-brasileiras, é grave esse tipo de situação. Observamos, pois, que os adeptos de religiões de

matriz africana participam dos mais diversos ambientes, mas, por outro lado, não é nada surpreendente a intolerância religiosa sofrida por esses religiosos.

As pessoas que vivem a religiosidade de forma mais livre, sem estabelecer vínculos com uma religião ou com uma igreja específica, também sofrem discriminações por parte dos religiosos intolerantes. Durkheim, (1996, p. 213) afirma: “[...]. A violência mesma com que a sociedade reage, por meio da censura ou da repressão material, contra as tentativas de dissidência, manifestando com estrépito o ardor da convicção comum, contribui para reforçar seu domínio. [...]”. Por serem pessoas que buscam construir uma religiosidade própria, de acordo com sua própria maneira de pensar o mundo e a existência, ou com uma visão mais descomprometida sobre religião e religiosidade, provam da perseguição dos preconceituosos. Sobre isso a estudante 5V, evangélica, declara: “Existe essa questão de não respeitar a religião de outros, pois quando a pessoa fala que seguiu uma religião e não frequenta ela é vista como se não fizesse parte dessa religião”.

A religião e a religiosidade são construções sociais e podem ser reconstruídas sob outros olhares e concepções, porém, os indivíduos que optam por não seguir regras religiosas pré-estabelecidas socialmente, ao experimentarem outros modos de ser religioso, enfrentam as barreiras, dos preconceitos e das discriminações, direcionadas por aqueles que não aceitam outras concepções e outros modos de viver a religião que sejam diferentes dos seus.

São situações conflituosas decorrentes da não aceitação das diferenças religiosas por parte daqueles que não aceitam a transgressão aos ditames religiosos, promovendo a separação e a marginalização dessas pessoas que não aceitam a opressão, que não admitem restrições à sua liberdade individual. São tensões entre identidades religiosas assumidas e a opressão social. Silva (2012, p. 82) considera:

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. [...]. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. [...]. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. [...].

As resistências em seguir as normas sociais são duramente reprimidas, pois não podem ser permitidas, de modo que, a negação da diferença que observamos dificulta o processo de acolhimento da diferença e das diversas identidades religiosas.

A influência das religiões nos comportamentos de seus fiéis foi citada pela estudante 12M, não religiosa, ao declarar: “Tem igrejas que tem normas muito rígidas, já outras nem tanto. E isso acaba causando muitos conflitos entre essas pessoas”. Ao instituir códigos de comportamento muito rígidos, inclusive ao incentivar atitudes intolerantes a outras religiões e aos seus adeptos, como podemos constatar na atualidade, essas religiões promovem muitos conflitos, pois tem como adeptos religiosos dominados por seus líderes. Enfim, as formas rígidas de atuação dessas religiões e de seus líderes acabam por embrutecer os fiéis religiosos e por gerar diversos conflitos sociais.

Há, entre os participantes da pesquisa, aqueles que percebem a desarmonia na convivência escolar entre os estudantes, de modo que ocorrem conflitos motivados pela intolerância religiosa, mas alguns acreditam que as situações conflituosas são deflagradas por apenas uma parte dos estudantes, conforme diz a estudante 3M, católica:

Acho que é a minoria que tem esse problemas com a religião dos outros, mais é bem previsto esses casos.

Acho que os alunos alguns tem problemas não se sentem bem, e outros age normalmente.

Algo importante a ser levado em consideração, na declaração acima, é que a estudante 3M deixa transparecer a visão da intolerância religiosa como algo naturalizado. Isso, deve-se ao fato de situações de preconceitos e discriminações, especialmente aos adeptos de religiões marginalizadas socialmente, terem se tornados comuns no dia a dia.

O estudante 8M, cristão, considera que: “[...] hoje em dia a intolerância religiosa é gigante, fazendo pessoas se sentirem ofendidos e reprimidos”. Tal situação é muito acentuada no Brasil nos dias atuais, expressa-se na sociedade como um todo, não excetuando, os ambientes educacionais.

### **4.3.3 A convivência entre os estudantes**

Ao abordar, durante as entrevistas, o nível de aceitação da diversidade religiosa pelos estudantes, no que diz respeito às relações entre eles, pudemos constatar visões divergentes, pois, houve entrevistados que declararam que a convivência entre os estudantes do CEGRS é livre de conflitos por conta das diferenças religiosas. O estudante 4M, católico, diz: “Aqui no

colégio, eu percebo que não existem conflitos entre pessoas de religião diferente. No meu caso é uma convivência harmoniosa, sem problemas”.

Esses declarantes, a exemplo do estudante 4M e da estudante 14M, dizem que não percebem nada fora do normal no âmbito escolar do colégio em relação a isso. A estudante 14M, evangélica, por sua vez, declara que: “Não há problema na convivência dos alunos sobre a religião”. Outros estudantes declararam opiniões divergentes sobre isso, a serem tratadas mais adiante.

Na entrevista, realizada na classe do segundo ano do turno noturno, alguns estudantes disseram não ter presenciado e não ter conhecimento de conflitos, em razão da convivência por religiões diferentes, entre os integrantes da turma. Uma parte deles disse que isso é o comum em sua classe e na escola.

Estudantes, da classe do segundo ano do turno vespertino, também afirmam que não observam conflitos, entre estudantes praticantes de religiões diferentes, no ambiente do CEGRS. Entre os estudantes do turno matutino, a estudante 13M, evangélica, diz que:

Na escola, os alunos lidam muito bem com isso não vejo nenhum problema nisso.

Não, nunca presenciei nenhum tipo de discussão sobre religião no colégio.

A estudante 12M, não religiosa, observa que:

No colégio não há nem um tipo de problemas envolvendo religiões.

Mais tem alguns que debate sobre religiões mais sem problemas nenhum.

A estudante 5N, evangélica, declara: “Eu nunca vi... nunca apresentou aqui tipo de intolerância tendo algum conflito de religiões não... que eu presenciei não. Pode ser que algum colega já presenciou... eu não”. Entretanto, muitos estudantes não costumam declarar sua religião, conforme declara a estudante 5N, evangélica:

Eu acho que... eu nunca vi nenhum conflito. Eu acho harmoniosa porque... a maioria dos alunos não expõe a sua religião. Algumas pessoas eu conheço as religiões e outras não porque tem muita gente que não... acho que por causa de discriminação ou não, não expõe a sua religião... meu ver é esse. Eu acho harmoniosa porque eu nunca vi uma discriminação com ninguém. [...]

Aqui na escola eu não vejo nada de discriminação... não vejo... também eu não vejo assim é... as pessoas expõem sua religião... Eu acho mais... que ela

é mais é... fechada... as pessoas é mais fechada... não tem... não abre muito a religião. Quando a gente tá conversando algumas pessoas expõe a sua religião outras não. A maioria das vezes a gente nem conversa muito sobre religião.

A liberdade de expressão, tão cara ao indivíduo, é atingida pela intolerância religiosa que reprime por meio de atitudes de reprovação de uma sociedade preconceituosa e discriminadora. Os estudantes se protegem se eximindo de falar sobre a sua religiosidade.

Parte dos estudantes das três turmas entrevistadas não se disponibilizou a participar das entrevistas, o que nos permite compreender que, entre esses indivíduos, há aqueles que se sentem privados da liberdade de se expressarem livremente, por serem repreendidos por sua opção religiosa, ou por qualquer outra forma diferente de concepção sobre religião e religiosidade, dentro do seu próprio ambiente de estudo. Como constatado na abordagem direta e individual a alguns estudantes, a escola apresenta uma diversidade religiosa maior do que a verificada por meio das entrevistas realizadas.

É a força que uma religião preponderante - o Cristianismo – exerce em um país, onde outras identidades religiosas são perseguidas, discriminadas e marginalizadas. O estudante 5M, cristão, diz: “Eu nunca vi, mas deve existir”. A declaração do estudante 5M demonstra a consciência de um indivíduo sobre a intolerância religiosa que habita os mais diversos espaços sociais, inclusive o ambiente escolar que frequenta, mesmo não tendo presenciado algum conflito, como disse ele, é previsível que haja intolerância no colégio.

Woodward (2012, p. 40) afirma: “As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de formas de exclusão social. [...]”. A relação harmoniosa com o outro e com a sua identidade é condição *sine qua non* para a promoção de uma sociedade mais fraterna. A declaração do estudante 11V, católico, é um exemplo de convivência pacífica que acontece no CEGRS:

[...]. Eu também já estudei com um ateu e esse ano também tô estudando com outro. Não vejo problema nenhum e acho gente super boa porque eles não ficam... nunca ficam procurando falar nada de gente... de ninguém, ou contra a religião de ninguém. Sempre ficam na sua. Isso é uma coisa que eu gosto muito e admiro, por isso eu não tenho problema nenhum em ficar perto nem todas pessoas achem outra coisa... Isso eu não ligo.

O estudante 11V falou sobre a boa convivência com colegas não religiosos. Ele evidencia, também, a intolerância que sofre partindo dos colegas que não aprovam a sua proximidade

com os colegas ateus. Percebendo a diversidade na CEGRS, a estudante 14M, evangélica, diz: “Várias pessoas aqui servem a uma entidade diferente, eu me dou bem com todos e não há problema e nenhuma discriminação em relação a isso”. O estudante 11V, católico, também diz: “[...]. Não por algum motivo alheio, só mesmo porque... eu não acho que eu preciso estar lá (na igreja) para acreditar”. Outro ponto importante que podemos observar, dessa vez, é sobre uma possível cobrança social que o respondente sofre, mas a qual não se submete.

Ainda assim, como exemplo de que no CEGRS também há paz entre os estudantes, quanto ao assunto religião/religiosidade, é importante registrar que durante a nossa estada no Colégio, para a realização da pesquisa de campo, não foi observado nenhum acontecimento relacionado à religião, à intolerância religiosa, ou mesmo à convivência religiosa nos seus corredores e nas demais áreas externas às classes por onde andamos. Os alunos chegavam, conversavam e brincavam normalmente. Nem sequer houve muito movimento fora das classes durante a realização da pesquisa.

Como vimos, uma parcela dos estudantes entrevistados não vê problemas na convivência entre os estudantes do CEGRS, mas há respondentes que denunciam o desrespeito às diferenças religiosas no relacionamento entre os colegas do Colégio. A estudante 1M, cristã, diz que a convivência “Na maioria das vezes é harmônica, mas ainda é possível presenciar debates e discussões sobre o assunto”. A estudante 13M, evangélica, observa que: “As relações entre os membros das religiões diferentes nem sempre são harmonicas Ocorre muitas discussões sobre a religião do próximo, [...]” O estudante 7M, não religioso, declara que: “[...] existe essas brigas entre as pessoas de religiões diferentes”.

Há, sim, preconceitos e discriminações na convivência entre os estudantes do Colégio, conforme atestam os declarantes participantes da pesquisa. A estudante 6M, não religiosa, diz: “Não acho harmonioso, uma situação que vi, foi um achando que sua religião é a salvação, enquanto os que estavam em ocultação não se deu o direito de explicar a sua fé”.

O estudante 7N, evangélico, diz: “Essa questão de convivência e debate entre religiões. As vezes sai do controle porque algumas pessoas não respeitam a escolha do próximo a sua religião. [...]”. A tentativa de imposição de sua própria religião aos demais é um dos motivos para a ocorrência dos conflitos também nas relações entre os estudantes do CEGRS. Com uma declaração semelhante, o estudante 8M, cristão, considera que: “Sempre há o conflitos. As pessoas hoje em dia se acham donas da verdade. Acham que a sua religião é a certa, e por isso

há conflitos de ideia”. De forma análoga o estudante 2M, não religioso, diz: “Não é um clima de harmonia. Pois, todos querem estar com a razão, no colégio já vi brigas feias por conta da religião”.

Conforme os estudantes 8M e 2M, os conflitos ocorrem, pois há intransigência por parte de alunos que se consideram os portadores da verdade, ocorrendo a negação do direito de escolha do outro. A estudante 14V, evangélica, afirma que: “Em relação dentro do Colégio. sempre tem preconceito, motivo de chacota porque o colega é crente e cristão e muitos não respeita, [...]”. Após relatar a boa convivência na relação com colegas ateus, citado anteriormente, e com colegas de outras religiões, o estudante 11V, católico, denuncia dificuldades de convivência com colegas protestantes ao evidenciar a intolerância deles em defenderem tão somente a sua religião, como a única correta, e, ao condenarem as demais por meio do proselitismo exacerbado:

[...] uma coisa que eu não gosto muito é protestante que ficam falando a pessoa de outras religião: vai se converter... vai se converter, o tempo todo. Isso é uma coisa que eu não gosto. [...]. Com pessoas que tem outra religião nunca tive problemas... [...].

A denúncia do proselitismo intransigente, praticado pelo cristão protestante, está presente também na declaração da estudante 6M, não religiosa, que denuncia a discriminação ao dizer que:

As pessoas lidam com as religiões dos indivíduos como uma crítica, por exemplo: um cristão resolve explicar uma coisa da bíblia, e um católico não concorda, então para o cristão, ele acha que a sua religião é a mais correta, que as pessoas devem seguir a sua religião, que os outros são do demônio, isso é uma falta de respeito. A intolerância religiosa começa quando um critica, desrespeita a sua... a sua doutrina.

A estudante 2V, evangélica, expressa a sua dificuldade em lidar com a não aceitação, pelos colegas, de sua prática proselitista. Ela aborda e demonstra, também, dificuldade em lidar com a diversidade ao relacionar os conflitos religiosos à existência das diferentes opções religiosas entre os estudantes, como podemos analisar em sua declaração a seguir:

Como se dá a convivência com os colegas de outras religiões= Sim! Vamos lá não é legal está com um colega de sala conversar sobre aquele assunto que eles não gostam de seguir, e bem difícil se da com isso. a maioria das vezes causa até discordia por fato de cada um seguir uma religião.

Como declaram, a seguir, as estudantes 8V e 1N: muitas situações de preconceitos e discriminações são vistas como “brincadeiras” pelos estudantes, o que nos leva a concluir que

eles não percebem esses atos como intolerância religiosa, e nem os males que essas atitudes de preconceito e discriminação causam aos seus colegas. A estudante 8V, cristã, denuncia: “Muitas vezes os colegas acabam fazendo brincadeiras de mal gosto com a religião de cada um, o que acaba gerando constrangimento por parte de quem está sofrendo”. A estudante 1N, evangélica, disse:

Eu não concordo muito com meu colega não porque... assim... tem gente que faz chacota, finge que diz que é daquela religião só pra... aqui mesmo na sala já rolou assuntos assim... [...]. Então, eu acredito que não... eu não acredito muito nesse negócio de respeito com religião não. Não tem, não existe... que muitos dão a sua opinião. Tipo... se alguém disser que é do candomblé... ah é da macumba! Tem medo... esses negócio assim... se é da Batista fala que é uma igreja barulhenta. Eu não acredito nisso não. Não existe controle aí nessas brincadeiras com a religião... É, é chacota o tempo todo.

Ao discordar da opinião de uma colega, também evangélica, que se pronunciou anteriormente declarando haver harmonia nas relações entre os colegas, a estudante 1N denuncia o preconceito que ocorre no CEGRS, inclusive, por meio de atitudes de escárnio com a religião do outro. Semelhante a estudante 3M que percebe o preconceito como algo previsível, a estudante 1N também não acredita em respeito quando o assunto é religião. O estudante 7N, evangélico, disse: “Confronto entre alunos fisicamente nunca presenciei mais já presenciei discussões orais entre eles”. São tantos os casos de intolerância religiosa em nossa sociedade a ponto de se tornarem comuns nos mais diversos ambientes.

As situações de desrespeito à liberdade de opção religiosa, no ambiente do CEGRS, chegam ao ponto de ocorrerem conflitos entre os estudantes, de modo que há a ocorrência de declarações como essas, quando os estudantes demonstram a sua descrença na possibilidade de harmonia nas relações, entre eles no Colégio, quando o assunto em discussão é a religião. Os debates acalorados relacionadas à fé religiosa, então, acabam por se tornarem comuns. Como declara a estudante 7V:

A relação entre os colegas do colégio é... é normal quando a gente não toca no assunto religião. Mas quando cada um conhece a religião do outro... O coleguinha fala: faz alguma coisa... Ah! Não chama a coleguinha não porque ela é cristã porque ela é isso... é certinha demais... não sei o quê...aí tipo acaba sempre excluindo alguém... E sempre tem aquelas... ah! Não vem falar de Deus não... não sei o quê... aqueles preconceito, mas quando o assunto em si não é religião todo mundo fica em harmonia, mas quando toca no assunto mesmo cada um vem com um debate e acaba tendo uma discórdia.

A forma limitadora de conceber a figura do religioso alimenta o preconceito e a discriminação em relação a aspectos mais específicos de seu comportamento. Estereotipados, religiosos de vários segmentos são discriminados pelo modo de ser, de agir, pela forma como se vestem etc. O desrespeito aos direitos do indivíduo em seguir os preceitos de sua religião são denunciados pela estudante 7V, conforme declaração acima, e pelo estudante 6N, não religioso, que disse:

[...], apesar que a gente de fora, mesmo de fora, a gente percebe que alguns, alguns não, a maioria são discriminados tanto pelas próprias religiões de alguns quanto quem não é. Uma falta de respeito para com as outras religiões é... cê percebe que... é muito grande... tipo chacotas coisa e tal, cristão que veste gravata as pessoas ficam rindo... macumbeiro quando sai com... macumbeiro não... é!... afro né?... de outras religiões que sai com pano na cabeça os próprios cristão olham de formas diferentes... outras pessoas também.[...].

Percebe-se, de acordo com parte dos estudantes, que é grande a discriminação sobre a maioria dos religiosos e, também, sobre os que não são religiosos, considerando diversos aspectos, inclusive no que diz respeito ao comportamento religioso mais específico.

As atitudes intolerantes são expressas abertamente por meio do escárnio - zombarias, olhares preconceituosos e censuras - dirigido aos colegas pelos que não aceitam as tradições de diversas religiões. Por exemplo, a forma como os religiosos se vestem, os adereços que eles usam, as imagens contemplativas, entre outros elementos religiosos. Podemos analisar isso a partir do que Durkheim (2001, p. 32) diz: “Estes tipos de comportamento ou de pensamento são não só exteriores ao indivíduo, como dotados de um poder imperativo e coercivo em virtude do qual se lhe impõem, quer queira, quer não. [...]”.

São situações que acontecem cotidianamente em todos os ambientes sociais, inclusive nos escolares, especialmente com aqueles religiosos que apresentam modos característicos de se comportar, principalmente, das religiões mais discriminadas pela sociedade.

Durante a entrevista na turma do turno vespertino, por vezes, enquanto um aluno falava outros se manifestavam com risos, falas paralelas, chacotas, cumprimentos e aplausos, demonstrando concordância ou discordância com a opinião de quem estava fazendo sua declaração, chegando até a interromper a fala do respondente da vez.

Durante a declaração da estudante 3V, satanista, quando emitia sua opinião contrária à religião, parte dos colegas fizeram algazarra. O estudante 11V, católico, teve sua fala

interrompida por um comentário de reprovação de um colega quando reclamou do proselitismo dos protestantes, mas, em seguida, outros colegas o aplaudiram em concordância com sua opinião. A estudante 7V, evangélica, não quis gravar declarações por, segundo ela, não conseguir falar sobre religião, mas expôs sobre isso, escrevendo:

Fico nervosa por que as pessoas gostam de chacota e eu odeio isso

Acho que já cria o preconceito...

Penso que pode até haver uma boa convivência, porém quando se fala de religião é aquele conflito

Na turma do turno noturno, a segunda turma a ser entrevistada, também ocorreram manifestações de discordâncias em razão das declarações feitas pelos estudantes. Porém, em alguns momentos, alguns estudantes foram aplaudidos e cumprimentados por terem se manifestado verbalmente e pelo teor de suas opiniões.

Na turma do turno matutino, onde ocorreu a terceira e última sessão de entrevistas, não ocorreram manifestações, mesmo porque não houve declarações expressas oralmente. Porém, ao procurar um estudante, particularmente, mas não isoladamente, logo após a sua entrada na sala de aula (ele adentrou à sala quando a entrevista já estava acontecendo) disse que não queria se expressar porque poderiam ocorrer manifestações, até mesmo de divergências em relação às suas opiniões e, disse ainda, que “falar sobre isso pode até dar briga”. Portanto, esse estudante preferiu não fazer declarações verbais, pois não se sentia à vontade para isso, nem sequer quis fazer declarações por escrito.

Depois de terminada a sessão de entrevista nessa classe, perguntei ao estudante 2M e a outros colegas, em uma conversa particular dentro da sala de aula, sobre a dificuldade que sua turma demonstrou em se expressar verbalmente. Eles disseram que se sentem mais a vontade para se expressarem pela escrita, pois escrevendo eles conseguem colocar melhor no papel o que querem dizer. Logo em seguida, o estudante 2M e um colega da mesma turma também disseram que se expressando oralmente poderia até dar briga na sala.

O expressivo número de declarados cristãos, somando o total de 28 (vinte e oito), demonstra a liberdade de expressão que esses religiosos, mais especialmente os católicos e os evangélicos possuem, pois em uma sociedade, especialmente praticante do cristianismo, eles não se sentem intimidados em expor abertamente sobre sua opção e práticas religiosas. Isso foi bastante perceptível no CEGRS. O estudante 4M, católico, diz: “[...], no meu caso nunca

gerou conflito ou algo do tipo. Eu, podemos dizer de certa forma que concordo como as pessoas agem, dificilmente alguém opina, ou pergunta sobre a igreja católica”.

Os protestantes, por sua vez, expressam essa “liberdade” de forma, muitas vezes, ostensiva, ao ponto de declararem sua opção religiosa de forma que mais parece uma intimidação para com os outros que professam religiões diferentes, ou que pensam de forma diferente. É o caso de uma situação protagonizada por duas estudantes evangélicas, na turma entrevistada do turno noturno: a estudante 1N que, tendo chegado depois de iniciada a sessão de entrevistas, perguntou do que se tratava a pesquisa, pediu para participar e foi logo dizendo, ostensivamente, ser evangélica, e sua atitude foi enaltecida por uma colega, também evangélica, dizendo “glória a Deus”, como os evangélicos costumam fazer em demonstração de concordância com o “irmão” ou com a “irmã”. O que parece liberdade por um lado, por outro lado pode significar opressão à medida que isso acontece em um ambiente coletivo, como é o caso da sala de aula, e feito de maneira intencional para constranger os que pensam e/ou agem de forma diferente.

Como podemos analisar pela declaração a seguir, não é nada fácil para uma pessoa que se declara satanista conseguir expressar sua opinião, como ocorreu na turma do segundo ano vespertino. Em meio a risos, comentários de preconceito e repreensões, altiva e destemida a estudante 3V, satanista, fez sua declaração:

[...] (risos e falas paralelas dos colegas). Tudo bem que eu respeito, eu não tenho uma religião formada porque o satanismo... não acham que é religião. Pode rir... pode rir... eu acho graça também... Como eu falei... Eu respeito, [...]. Eu não sou atea porque eu creio na existência... mas eu não respeito... tipo fazendo pouco caso. O meu respeito é tipo eu sei, está ali, não vou mexer com isso, eu estou do meu lado.

De acordo com o trecho acima da declaração da estudante 3V, ela não tem certeza se o Satanismo é ou não religião, mas essa incerteza decorre devido às opiniões de outras pessoas, pois a própria estudante declarou ser religiosa em sua ficha de informações básica. Podemos observar na transcrição da declaração verbal da estudante que, enquanto ela se expressava, observava-se a inquietação e o incômodo de colegas que se manifestavam, opinando e rindo da colega, o que ocasionou a interrupção, por várias vezes, da sua declaração. Mas, corajosamente, ela falou sem se deixar constranger, sem se deixar intimidar. Em momento posterior a entrevista em sua classe, a estudante declarou que as pessoas dizem a ela que Jesus

nunca irá perdoá-la. Em contraposição, ela declarou que diz a essas pessoas: “eu nunca disse que queria ser salva”.

Situações como essas, ocorridas durante as entrevistas, demonstram o nível de preconceitos e discriminações que ocorrem nos relacionamentos entre os colegas estudantes do CEGRS.

Durante as sessões de entrevistas, em razão do confronto de opiniões, possibilitado pela técnica de entrevista utilizada para a pesquisa – a entrevista grupal -, as contradições se fizeram presentes, pois, mesmo uma parte dos respondentes tendo declarado que as relações entre os estudantes do CEGRS são pacíficas, a intolerância religiosa se manifestou nas classes entrevistadas.

A intimidação exercida por parte daqueles que professam religiões mais aceitas socialmente sobre aqueles que professam religiões marginalizadas, fez-se sentir por meio de demonstrações de discordância – risos, falas paralelas e chacotas. É um sintoma da desarmonia na convivência entre os estudantes do CEGRS por conta das diferenças religiosas provocando a separação entre eles. Silva (2012, p. 82) considera que:

Dividir o mundo social entre “nós” e “eles” significa classificar. O processo de classificação é central na vida social. Ele pode ser entendido como um ato de significação pelo qual dividimos e ordenamos o mundo social em grupos, em classes. [...]. As classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade. [...]. Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar. Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados.

As situações conflituosas ocasionadas pela intolerância religiosa causam sérios problemas na convivência entre os estudantes. As diferenças de pensar e de agir, não aceitas pelos opressores, são ameaças que esses procuram estancar, discriminando e excluindo o outro.

A inibição que dominou muitos dos participantes da pesquisa, até mesmo por temerem a reação dos colegas, é sintoma inequívoco da intolerância religiosa que se faz presente no relacionamento entre os estudantes do CEGRS, pois, muitos dos estudantes das turmas entrevistadas não quiseram participar das entrevistas, outros mesmo concordando em participar não emitiram opiniões, apenas preencheram a ficha de informações básicas, outros nem sequer devolveram as referidas fichas.

Entre os estudantes que se declararam não religiosos, por exemplo, podem estar os adeptos de religiões marginalizadas socialmente que optaram por não declararem sua religião, o que

também representa um sinal da intolerância religiosa presente em sua classe. A forma como eles são tratados socialmente, inclusive na escola, reprime a liberdade de se manifestarem em público, mesmo em frente aos colegas de classe, declarando suas religiões e práticas. São, também, reprimidos na sua liberdade de agir, de se vestir livremente, enfim de se comportarem de acordo com os dogmas de sua religião. O nervosismo, que não permite que a estudante 7V fale sobre o assunto religião, também é exemplo da convivência conflituosa entre os estudantes do CEGRS.

Os estudantes do CEGRS são, em maioria, jovens em processo de formação, portanto, imaturos e mais suscetíveis às situações promovidas pelos que se acham os donos da verdade, são opressores que se acham nesse direito. Desse modo, consideramos que não ter conseguido entrevistar adeptos de todas as religiões, de modo a representar a diversidade religiosa que se apresenta no Colégio, também se deve à intolerância religiosa que habita a escola.

Estas, são situações captadas que deixam margens para pensar na tensão que representa para os estudantes falarem sobre o tema, sejam aqueles que sofrem diretamente o preconceito e a discriminação da intolerância religiosa, ou mesmo aqueles que presenciam situações desagradáveis a respeito.

#### **4.3.4 A defesa da liberdade religiosa pelos estudantes**

O desconhecimento sobre a diversidade religiosa, e sobre os aspectos próprios de cada religião, e, quando não é o desconhecimento, mas o desrespeito ao direito do outro são, certamente, motivos para os conflitos, de modo que a defesa da liberdade religiosa requer entender que, nesse processo, é de suma importância a busca pelo (re)conhecimento sobre essa diversidade.

Conforme a declaração da estudante 12N, não religiosa: “Situação de ofensa, agressões verbais por estar em ambiente com pessoas de outra crença. O indivíduo difamando e ofendendo a outro por pura ignorância”. Ofensas entre pessoas de diferentes religiões são também motivadas pelo desconhecimento. A estudante 5N, evangélica, declara:

[...]. Nem a minha parte eu nunca discriminei ninguém, mas é que eu vi com muitas pessoas de várias religiões... Tenho a curiosidade e pergunto sim, a curiosidade porque sou de uma religião e eu queria saber os fins de outras

religiões para entender. Porque a gente entendendo a gente não deve criticar uma coisa sem a gente não conhecer. [...].

A estudante 5N, de forma semelhante à colega de classe 12N, concorda que a ignorância é motivo para as atitudes de intolerância religiosa. O conhecimento sobre as religiões é, de fato, como diz a estudante 5N, uma necessidade, pois, para emitir quaisquer tipos de opiniões sobre as religiões, assim como sobre qualquer outro assunto, é preciso, em primeiro lugar, procurar conhecer.

Conhecer para entender, entender para respeitar, pois, como apontou Durkheim (1996, p. VII):

No fundo, portanto, não há religiões falsas. Todas são verdadeiras a seu modo: todas correspondem, ainda que de maneiras diferentes, a condições dadas da existência humana. [...]. Todas são igualmente religiões, como todos os seres vivos são igualmente vivos, dos mais humildes plástidos ao homem. [...].

A defesa da liberdade religiosa também está presente no CEGRS por meio de estudantes que afirmam conviverem bem com a diversidade religiosa, e afirmam, também, que respeitam a liberdade de opção religiosa dos colegas. O estudante 7M, não religioso, afirma: “Eu não ligo, qualquer um escolhe o que quer, e ninguém tem direito de criticar”. O estudante 8M, cristão, defende que: “todo humano é livre para expressar sua religião, [...]”. A estudante 2V, é evangélica, diz: “Eu frequento a igreja e por isso não acho certo ficar forçando a outras pessoas seguir a minha religião! isso é uma escolha que cada um tem que escolher”.

Desse modo, podemos constatar que a defesa do respeito e aceitação à diversidade religiosa, da liberdade de escolha de culto e igreja está presente nas declarações de diversos estudantes. A estudante 6M, não religiosa, defende que: “[...]. Devemos respeitar a religião de cada um, em cada ambiente... Ninguém tem o direito de criticar a fé em alguém, ninguém deve julgar a religião. Quem somos nós para julgar a religião de alguém? [...]”. O estudante 4M, católico, diz: “[...]. Um ponto que não acho certo é criticar a religião do outro, por que as pessoas são livres para seguir a religião que quiser”. A estudante 14M, evangélica, declara: “[...], eu frequento igreja evangélica mas penso que deve haver respeito e aceitação, pois cada um tem o direito de escolher a quem servir ou que igreja frequentar”. O estudante 2N, não religioso, compreende que: “Cabe a cada pessoa escolher se deseja ou não, ter uma religião, não cabe a ninguém impor uma religião ao outro. [...]”.

Respeito; direito; aceitar; não julgar; escolha; desejo; não criticar; as pessoas são livres e não impor, entre outros, são termos e concepções que estão presentes nas declarações, de vários estudantes do CEGRS, obtidas durante todo o processo de pesquisa de campo. Porém, se em parte das declarações o respeito à diversidade religiosa e ao direito de escolha parece ser a verdade, não é bem isso que se pode constatar no que diz respeito à totalidade delas, pois como foi apurado na pesquisa e abordado neste trabalho, houve contradições entre o que foi dito e o que foi praticado durante as entrevistas. A estudante 7V, evangélica, acredita que:

Religião se respeita e não se discute

Penso que somente tem que segui o que lhe agrada...

E principalmente aquilo que é correto

Como vemos, a estudante defende o respeito ao direito de opção livre, mas fala em seguir “aquilo que é correto” e acaba por expressar mais uma contradição, pois, afinal, o que poderia ser considerado o “correto” dentro de um contexto de diversidade religiosa? Por sua vez, o estudante 2N, não religioso, ao denunciar a intolerância religiosa citando a imposição que uns tentam exercer sobre outros, ou mesmo ao denunciar a discriminação que acontece de uns religiosos em relação a outros, religiosos e não religiosos, por não serem adeptos da mesma religião do intolerante, pondera:

[...]. Na minha opinião a religião deveria servir para unir as pessoas, deveria servir para compartilhar o amor independente se a outra pessoa que esta do seu lado segue a mesma religião que você.

Hipocrisia é dizer que segue uma religião e não prezar sobre o amor e união ao proximo, e não só para com aquele que segue a sua mesma religião, mas também para quem tem outras religiões ou não tem religião.

O que se pressupõe é que a religião e a prática religiosa ofereçam indivíduos mais benevolentes, mais comprometidos com o sentimento de amor ao próximo, portanto, seres fraternos com vínculos sociais sólidos e mais cumpridores das obrigações sociais. Mas, compete-nos analisar se a religiosidade será mesmo, e sempre, uma prática benéfica socialmente. O estudante 2N evidencia que há religiosos que prezam a união apenas entre aqueles da mesma crença ou da mesma igreja, não se unindo aos de outras religiões e a quem não tem religião.

O estudante 6N, não tem religião, diz: “[...]. Então... é... seria bom ter esse respeito entre eles... principalmente entre eles e entre outras pessoas também de... São seres humanos, cada

um tem o direito de ir e vir...” A estudante 5V, evangélica, diz: “Apesar das diferenças entre as religiões eu não tenho preconceito e nem despeito, pois eu quero que respeitem a minha religião também”

Entender o direito a liberdade religiosa, o respeito entre os religiosos e entre todos é uma defesa dos estudantes, conforme também compreende o estudante 32N, evangélico. Ele diz: “[...], mas nunca ouve da minha parte um preconceito. Pois devo entender que cada um fica na religião em que se sente bem”.

O mundo atual sofre as consequências da violência. A intolerância religiosa é, sem dúvida, uma das violências que mais afetam as relações sociais, provocando conflitos em função dos radicalismos ideológicos nos mais diversos ambientes. Por conseguinte, como podemos observar nos resultados dessa pesquisa realizada no CEGRS, o ambiente escolar também está repleto de hostilidades como reflexos das intolerâncias dos mais diversos tipos, inclusive da intolerância religiosa que, decerto, produz efeitos nocivos à convivência na própria escola e na sociedade como um todo.

A mesma sociedade que construímos e da qual somos frutos sente os reflexos da falta de paz que habita o ambiente escolar. Entretanto, como declarou a estudante 6M, não religiosa, ao defender a liberdade religiosa, assim mesmo em letras maiúsculas: “TUDO COMEÇA PELO RESPEITO!”

#### **4.4 A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES ACERCA DA RELAÇÃO COM A DIVERSIDADE RELIGIOSA NO CONTEXTO ESCOLAR**

A análise da percepção que os estudantes do CEGRS têm sobre a relação com a diversidade religiosa, no seu local de estudo, foi realizada a partir dos vários aspectos, já explicitados neste trabalho, por eles evidenciados durante a pesquisa de campo realizada no Colégio.

As situações vivenciadas no dia a dia pelos estudantes do Colégio em razão da diversidade religiosa, ou mesmo em razão das diferentes concepções sobre o fator religião/religiosidade vieram à tona durante as sessões de entrevistas.

As manifestações dos estudantes, durante as declarações dos colegas, mostram a realidade que, muitas vezes, se contrapõe ao que foi dito por vários estudantes em suas declarações, pois, vários deles afirmam que a relação entre eles é pacífica, pois não veem conflitos na escola em razão das diferenças religiosas. Porém, situações de intolerância religiosa ocorreram mesmo durante as declarações dos colegas. Tais situações, que caracterizam a boa ou a má convivência entre eles no ambiente escolar, é percebida e foi evidenciada em suas declarações e atitudes durante as sessões de entrevistas.

Os estudantes que, corajosamente, expuseram suas opiniões oralmente foram alvos de manifestações contrárias e também de concordância, mas o fizeram sem se deixarem intimidar. A declaração da estudante satanista foi, durante todo o tempo, acompanhada pelas manifestações de discordância dos colegas chegando a interromper a sua fala e, por isso mesmo, tendo sua transcrição marcada por várias reticências. O estudante que declarou não gostar da atuação proselitista dos colegas protestantes foi repreendido por um dos colegas e aplaudido, por vários outros, em demonstração de concordância com sua opinião. O mesmo estudante declarou ter boa convivência com colegas ateus e, ao fazê-lo, interrompeu a própria fala, por conta de manifestação contrária, para dizer que não liga para quem reprova sua conduta, que ele também sofre intolerância, pois convive com pessoas discriminadas pelos colegas por não serem religiosas.

O caso da estudante que discordou da colega que, ao fazer sua declaração, disse que o ambiente no CEGRS é harmonioso, e que não há dissidências por conta das diferentes opções religiosas. A colega discordante disse que quando o assunto é religião não há respeito. Essas duas estudantes, em momento anterior, protagonizaram um acontecimento logo quando uma delas entrou na classe e se disse evangélica, de forma eufórica, e a outra louvou a “irmã” em uma atitude de reprovação às outras manifestações religiosas.

São expressões de quem sente e/ou pratica a intolerância religiosa, inclusive, na escola. Essas situações só se tornaram possíveis por conta de os estudantes estarem reunidos no mesmo ambiente para falarem de um assunto tão polêmico - religião/religiosidade.

Os estudantes, de uma forma ou de outra, se manifestaram durante as falas dos colegas, até mesmo pelo silêncio. O silêncio pode significar, por parte dos estudantes, o não estranhamento do que o colega está declarando, pois, é claro que apenas parte dos que não quiseram fazer gravações em áudio é tímida, mas outros estudantes que não gravaram se

manifestaram durante as falas de seus colegas, quando concordaram, por meio de manifestações de apreço, ou discordaram, por meio de manifestações de desapeço, com aquele que falava.

Embora poucos estudantes tenham aceitado gravar declarações em áudio, a maioria deles se manifestou mesmo por outros meios. Nem todos os entrevistados se mostraram intolerantes, haja vista que também aconteceram manifestações de respeito à diversidade religiosa. Enfim, o ambiente se fez propício para que a realidade da convivência entre os estudantes do CEGRS, em razão das diferentes opções religiosas, se manifestasse e possibilitasse a sua observação.

Portanto, a intolerância religiosa se manifestou durante as entrevistas, por meio das contradições entre o que foi declarado e como os estudantes se comportaram, de modo que foi possível observar que a diferença, que deve ser sinônimo de riqueza, de diversidade, de heterogeneidade, enfrenta o constrangimento pela ação opressora do outro.

Os religiosos intolerantes rejeitam a forma diferente de pensar e de agir do outro e, por isso, tentam modificá-lo ou eliminá-lo. Identificamos, no CEGRS, estudantes que querem afirmar uma pureza religiosa, uma homogeneidade nas relações e nos costumes mediados pelo fator religião/religiosidade, ou nas opções religiosas, em detrimento da diversidade, evidenciando uma demonstração de negação da existência da diferença.

Enfim, ocorre no CEGRS uma relação de tentativa de dominação e de subordinação, de inclusão ou de exclusão, procurando adequar os colegas estudantes em uma ordem, como foi explicitado durante este trabalho pelas declarações de vários entrevistados.

Com certos significados que as respostas sugerem, mesmo que de forma implícita, e estando associados à forma como os estudantes encaram ou concebem a religião e a religiosidade em sua vida e, também, como encaram a religião na vida dos outros, é possível inferir que vem daí a sua forma de agir com seus pares – respeitosamente ou não à individualidade do outro - e com o ambiente escolar que frequenta quase que diariamente, o que lhes confere o poder de ajudar a formar um ambiente harmonioso, ou não, a partir de suas atitudes por meio de palavras e gestos, enfim, por meio de seus comportamentos no ambiente escolar. Silva (2012, p. 91-92) considera que: “[...]. A pedagogia e o currículo deveriam ser capazes de oferecer oportunidades para que as crianças e os/as jovens desenvolvessem capacidades de crítica e

questionamento dos sistemas e das formas dominantes de representação da identidade e da diferença”.

A percepção dos entrevistados sobre o que se passa no CEGRS, em razão da relação com a diversidade religiosa entre os estudantes, foi evidenciada em suas declarações, certificando, desse modo, que o CEGRS vive situações conflituosas ocasionadas pelo grave problema que representa a intolerância religiosa, embora essas situações nem sempre sejam encaradas dessa forma pelos seus estudantes.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao investigar as especificidades da relação indivíduo/religião, a pesquisa de campo apurou uma diversidade de percepções entre os estudantes do Colégio Estadual Governador Roberto Santos (CEGRS). Desse modo, constatamos que as religiões continuam sendo um fator que influencia a conduta das pessoas, individual e coletivamente, exercendo, por meio dos vários corpos sociais, uma força de coerção muito forte sobre os indivíduos, de modo que é notável sua influência nas condutas dos estudantes do Colégio, seja para concordar ou para discordar de modos de vida religiosa. Ainda, assim, demonstram que a influência exercida sobre os indivíduos, na atualidade, não ocorre com a mesma intensidade (ou não ocorre da mesma forma) de tempos atrás.

Atualmente, as pessoas exercem com mais liberdade o direito de escolha, seja na opção por professar uma religião, seja na opção por constituírem uma forma peculiar de viver a sua fé ou, ainda, na opção de não ser religioso. Vários foram os motivos apontados pelos estudantes em relação à importância que eles atribuem ao fator religião/religiosidade, desde a considerar a religião como o meio de ligação entre o ser humano e Deus ou, até mesmo a considerar a religião como uma forma de busca por apoio físico e espiritual e, ainda, a considerar os religiosos como seres dotados de uma sensibilidade e capacidade maior para ajudar ao próximo. Porém, a resistência ao caráter coercitivo desse fato social também se fez notar entre os estudantes do CEGRS, haja vista o alto número de declarados não religiosos e as declarações daqueles que não veem importância na religião, apontando desde o seu distanciamento ao desconhecimento sobre religião.

Ao averiguar o nível de aceitação da diversidade religiosa por parte dos estudantes do CEGRS concluímos que eles reconhecem a diversidade religiosa no Brasil. Quanto ao CEGRS, a “diversidade religiosa” que se apresenta é majoritariamente formada por cristãos, adeptos das igrejas católica e evangélicas.

Uma parte dos participantes da pesquisa declarou não ter religião e, quanto a esses, fica a incógnita de pressupor que, de fato, eles podem não ser religiosos, mas também fica a incógnita de pressupor que, uma parte deles, não se sentiu livre para declarar sua religião. Nesse caso, havendo praticantes de outras religiões na escola devemos, então, falar em diversidade religiosa que, conforme declarações de estudantes, em conversas fora do contexto

grupais, afirmam ter adeptos de outras religiões e, também, não religiosos na escola. E por que não declaram ou não expressam sua religiosidade? Precisamos levar em consideração os preconceitos e discriminações que podem temer sofrer por parte da intolerância religiosa que, decerto, o percentual significativo de não religiosos e não participantes da pesquisa denuncia acontecer na escola. É evidente a ocorrência de preconceitos e discriminações no CEGRS, o que revela a não aceitação da liberdade religiosa por uma parcela dos estudantes.

A percepção dos estudantes sobre a problemática da intolerância religiosa atinge o ponto de eles perceberem as suas causas, por exemplo: a influência das igrejas nas condutas dos fiéis; o desconhecimento dos indivíduos sobre as religiões; o proselitismo; a não aceitação da liberdade religiosa, tanto por não aceitarem a diversidade religiosa, mas também por não aceitarem a liberdade de constituição de uma religião própria ou a não religiosidade. Além disso, os estudantes também evidenciaram as formas de preconceitos e discriminações que são praticados no CEGRS, dificultando a convivência entre eles: chacotas; discussões; exclusões; estereótipos; zombarias; intimidações; etc. Essas atitudes chegam a serem consideradas como “brincadeiras de mau gosto”, como foi declarado, o que nos permite compreender que nem sempre eles têm a noção da gravidade que representa as atitudes de intolerância religiosa, mas que eles percebem como algo naturalizado de tão banalizadas que estão atualmente em nossa sociedade.

As situações captadas e denunciadas pelos estudantes no CEGRS são diversas, chegando ao ponto de fazer com que alguns estudantes não acreditem em relações harmoniosas quando o assunto é religião. A repressão àqueles que não se deixam sucumbir pelos intolerantes e o silenciamento daqueles que não se expressaram sobre o tema, participantes e não participantes das entrevistas, são consequências da intolerância religiosa detectadas no CEGRS.

Religiões e religiosos marginalizados e oprimidos. Entretanto, devemos considerar, como apurado, que as atitudes intolerantes são praticadas por uma parte dos estudantes, pois, enquanto houve estudantes que evidenciaram a intolerância religiosa, houve também declarantes que afirmam haver convivências pacíficas no Colégio. Houve aqueles que declararam sua religião, os cristãos, enquanto outros não declararam e, ainda, aqueles que nem sequer participaram das entrevistas.

Preferir não falar sobre o assunto religião/religiosidade, por exemplo, representa o nível de censura que faz com que o estudante tente evitar passar por discriminações, ou mesmo evitar

“brigas”, como declararam alguns. As contradições se fizeram presentes entre o que foi dito e o que foi praticado. Enfim, constatamos que há tensões entre os estudantes, mas há também exemplos de convivência pacífica no colégio em razão das diferentes opções religiosas.

Ainda, como pudemos constatar, há a compreensão, citada por uma estudante, de que a causa da intolerância religiosa é a falta de conhecimento sobre o fator religião/religiosidade e, por conseguinte, é importante a defesa do aprendizado como meio importante para que se possa conviver pacificamente respeitando as diferenças religiosas.

Diversos estudantes defenderam o respeito à liberdade de ser ou de não ser religioso e que a religião seja um meio de união entre as pessoas, por entenderem que os próprios religiosos devem praticar o amor ao próximo, inclusive, por entender a liberdade religiosa como direito humano. Embora a defesa da liberdade religiosa esteja presente nas declarações, devemos também, nesse caso, considerar as contradições entre o que foi dito e o que é praticado, inclusive demonstrado nas sessões de entrevistas.

Buscando conhecer a percepção que os estudantes do CEGRS têm acerca da relação com a diversidade religiosa no contexto escolar, este estudo evidenciou que eles, ao se manifestarem, expuseram, de uma forma ou de outra, suas concepções sobre o fator religião/religiosidade e sobre as relações em torno do que envolve a diversidade e a intolerância religiosas no CEGRS.

Uma parte dos estudantes percebe a relação com a diversidade religiosa, entre os estudantes do Colégio, livre de conflitos em razão da diversidade de opções religiosas. Para eles, trata-se de uma convivência pacífica; mas a outra parte dos estudantes diverge dessa concepção, apontando o CEGRS como um ambiente onde a diversidade religiosa não é aceita e, por isso, apresenta uma realidade de intolerância religiosa. Desse modo, apuramos contradições entre os estudantes quanto à aceitação (ou não) da diversidade religiosa no Colégio.

Portanto, a realidade da convivência entre os estudantes foi evidenciada, de modo que constatamos que a intolerância religiosa acontece no Colégio, e foi manifestada, pelos estudantes, em suas atitudes contrárias às suas falas dentro da própria classe durante as entrevistas. Também foi evidenciada a convivência pacífica por meio de estudantes que deram exemplos disso. No entanto, salientando mais uma vez, nem todos os estudantes percebem as

atitudes intolerantes como ofensas e, certamente, por isso eles nem sempre reconhecem a intolerância religiosa que foi detectada no CEGRS.

É dessa forma que se dá a convivência entre os estudantes do CEGRS em razão das diferentes opções religiosas, pois, em meio à boa convivência eles estão sujeitos também às situações conflituosas. Assim, percebemos que a orientação religiosa interfere no cotidiano escolar ao intervir no exercício da liberdade pelos estudantes em suas relações com os colegas e, por conseguinte, na constituição do espaço escolar como um ambiente democrático, como deveria ser.

Durante a pesquisa de campo no CEGRS foram evidenciados outros acontecimentos e denúncias em torno da temática religião/religiosidade. São outras possibilidades de pesquisa que não fazem parte do projetado para este estudo, por isso o não aprofundamento dessas questões. O resultado apresentado no decorrer da escrita deste trabalho monográfico procura dar conta dos objetivos especificados em seu projeto de pesquisa, não se estendendo para além disso.

A superação das barreiras forjadas pela intolerância religiosa se dará a partir do conhecimento da diversidade religiosa no Brasil e no mundo, à luz dos direitos humanos, e, pela promoção de um diálogo inter-religioso que estabeleça o respeito ao outro e ao seu direito e, para tanto, não se deve prescindir da compreensão sobre as estruturas das instituições sociais, como construções coletivas resultadas das ações dos sujeitos que delas participam, de como elas funcionam e qual o seu papel social.

A partir daí, poderemos promover as liberdades individuais e coletivas, não nos permitindo ser guiados, mas sim, passarmos a fazer parte de uma sociedade que observa, entende e transforma as estruturas sociais, massacradoras do indivíduo, com o intuito de construir instituições humanamente solidárias e um mundo mais justo e respeitador das individualidades. E, que tais estruturas sejam promotoras de um mundo que acolha o indivíduo, em vez de estrangulá-lo, possibilitando que passemos de uma sociedade doente para uma sociedade solidária. Enfim, romper as distâncias religiosas, sejam elas práticas ideológicas ou de opiniões que nos separam, com um diálogo inter-religioso que entenda, compreenda e respeite as diferenças que são tão caras aos diferentes grupos sociais.

Considerando a amplitude do crescente contexto religioso que se apresenta neste momento da vida social, faz-se importante que haja também o acompanhamento de uma visão ampla por parte da sociedade e, destacando, por parte da escola, por ser a instituição que abarca a obrigação da educação formal, com a responsabilidade de formar indivíduos com condições para a constituição de um pensamento crítico e ético, para que sejam atuantes na sociedade da qual é parte, assumindo a responsabilidade de também serem colaboradores para a construção de uma sociedade que entenda a diversidade como parte da natureza humana e, a partir dessa compreensão, sinta-se apta a perseverar na contínua missão de se estabelecer de forma justa e fraterna.

Ao presenciar conflitos diversos por conta da não compreensão, mas também por conta da não aceitação, como exposto neste trabalho monográfico, daquilo que lhe é diferente, o indivíduo deve intervir propondo conhecimentos e meios para a superação ou transformação de tais tipos de convivência, inclusive por motivos de opção religiosa. E a escola, nesse turbilhão de acontecimentos, como administra tais situações? Como age? Quais atitudes assume na tentativa de administrar e, mais ainda, de reverter esse quadro de relações conflituosas? É uma realidade complexa que envolve um campo – o campo religioso – também complexo e com suas especificidades com relações de opressão e exclusão.

As ações devem se voltar para uma prática social e pedagógica, de educação para as relações religiosas, visando à compreensão para a aceitação da diversidade religiosa como riqueza cultural- uma riqueza construída pelo ser humano em sociedade – e para o respeito ao direito à opção religiosa como direito humano, por meio do combate ao preconceito e às discriminações. Enfim, uma orientação para a multiplicidade dos aspectos culturais religiosos, para a pluralidade do panorama religioso no Brasil e no mundo, sem deixar de levar em consideração o hibridismo de concepções e práticas religiosas que fazem parte do panorama atual.

A escola, com seus educadores – agentes fundamentais nesse processo, precisa se preocupar em formar um currículo que contemple e materialize as questões concernentes à pluralidade cultural. A educação deve ser pautada, também, pelo critério de autonomia no processo de formação. Autonomia por parte da escola e também dos estudantes, suplantando a educação autoritária e dogmática dos métodos da(s) igrejas e religiões, para uma educação libertária, democrática. Somando-se a esse esforço, a educação no contexto familiar também precisa

tratar com seriedade esse aspecto das relações sociais. Enfim, uma educação que tenha como meta a formação de cidadãos para uma convivência pacífica na escola, e nos demais ambientes sociais.

O respeito à liberdade religiosa, assegurado por lei, aponta para uma escola laica em consonância com os tempos atuais. Uma escola voltada para aspectos da diversidade cultural, que busque abarcar a variedade de opções religiosas sem discriminar, sem excluir. Um modelo de escola que não inclua ensino religioso de forma específica, sob o risco de outras religiões ficarem de fora, deixando as instruções religiosas a cargo da família, como deve ser e se elas desejarem instruir seus filhos à religião. Desse modo, as questões sobre religião devem ser abordadas com critério científico.

A consciência dos educandos quanto à diversidade deve ser estimulada e possibilitada por um ensino laico. Portanto, devemos ter a consciência de que o espaço escolar não deve ser utilizado para manifestações religiosas, mas para promover o acesso democrático ao conhecimento com o intuito da construção de um mundo mais justo, de modo que isso requer uma profunda transformação que não deverá prescindir de democracia no processo de educação. Educação para a transformação da realidade, promovendo a criticidade do educando.

O ensino laico deve, pois, continuar a pregar a diversidade de religiões no mundo e o respeito a elas, em um processo nada fácil, mas necessário, de reverter a situação de preconceitos, discriminações e intolerâncias que se observa na atualidade, no Brasil e no mundo, nos mais diversos espaços de convivência.

Sendo a religião um fato social, podemos e devemos analisar a sua atuação no ambiente escolar e, por conseguinte, na sociedade como um todo. A sua influência no ambiente educacional é benéfica? A religião propicia a formação de uma sociedade mais ética e mais equilibrada? Devemos questionar sempre. Inclusive, levando-se em consideração que a aprendizagem escolar tem como meta formar cidadãos críticos, imbuídos de liberdade para exercer tal criticidade. Enfim, para a constituição de cidadãos plenos e atuantes, em conjunto, enquanto formados e formadores da sociedade da qual faz parte para uma sociedade progressiva.

Em uma sociedade culturalmente heterogênea e híbrida, a lida com o outro diferente, produz animosidades. É um problema social que requer luta para o reconhecimento do direito à diversidade, do direito à escolha religiosa, do direito ao pertencimento a um grupo religioso, a um grupo étnico cultural – luta por afirmação de identidade ou reafirmação de identidades. A reivindicação desses direitos humanos requer a transgressão aos ditames religiosos, ao controle social pela religião, como forma de resistência a essa ordem social imposta pelas convenções sociais. Essa luta parte das pessoas que não aceitam a opressão daqueles que contestam suas identidades e que exigem o respeito pelas convenções sociais.

A escola, a partir de uma pedagogia voltada para ensinar o acolhimento das diferenças das diversas identidades, deve abrir espaço para que os seus estudantes e a comunidade (incluindo os pais e responsáveis pelos alunos) conheçam, questionem os sistemas e se abram para a valorização da diversidade cultural. O outro e a sua forma divergente de pensar e agir transforma-se em perigo para os opressores que precisam, de forma hostil, barrarem a ameaça representada pela diferença, ocasionando tensões entre identidades assumidas e a opressão social.

O sentido da vida em sociedade requer meios para se chegar a uma convivência pacífica e harmoniosa na escola e nos demais espaços sociais, pois o comportamento dos indivíduos se reflete em todos os espaços sociais que frequente. Conhecer para a conscientização da necessidade de transformação das relações sociais, visando novas formas de lidar com o outro pelo respeito. Mudança de atitudes para a admissão e valorização do multiculturalismo, a partir da valorização da identificação religiosa e/ou de como a religião faz parte da identidade do ser humano, compreendendo a diversidade e a liberdade de culto como direito humano e como aspecto próprio da cultura de cada um.

A escola, enquanto instituição, diante das normas e padrões culturais estabelecidos pelos grupos e instituições sociais, considerando a resistência desses corpos sociais em aceitar a transigência ao que foi posto, tem o poder de promover a transformação de mentalidades a partir do conhecimento sobre as religiões e suas realidades históricas, sociais e culturais e de sua importância, como meio de promover o respeito e a convivência com as diferenças por meio do diálogo inter-religioso, da relação pacífica e integradora.

Entretanto, ensinar a conviver com a diversidade no ambiente da educação, assim como nos demais ambientes, constitui o desafio de transformar a qualidade das relações na escola a

partir do conhecimento sobre as diferenças, reconhecendo isso como riqueza cultural da espécie humana e estimulando atitudes e convicções com vistas ao conhecimento do mundo do outro para poder compreendê-lo e respeitá-lo.

Embora a religião seja um instrumento que se apresenta para a compreensão da existência, de seus significados e dos mistérios do mundo, faz-se necessário acrescentar a ciência, como meio de desvendar tais mistérios com sua análise lógica e factual. As ciências, especialmente as Ciências Sociais, como um instrumento para o desvendar dos acontecimentos, o desvendar da realidade, busca expor as descobertas de modo democrático, como também, e de suma importância, propondo meios para a superação de entraves, como podem ser considerados os problemas ou conflitos sociais, para a vida social justa e harmoniosa, portanto saudável.

Entretanto, essa busca das Ciências Sociais pela compreensão dos problemas sociais não encerra o problema, pois as ciências não são donas da verdade; e a sociedade, fluida, contínua e dinâmica, continua a construir e desconstruir conceitos e conviver a partir da defesa desses.

Destarte, deve-se considerar que uma pesquisa não vem com a intenção de esgotar um assunto, mas deve ter a pretensão de ser mais um passo na compreensão do fenômeno a estudar. Continuamos a fazer indagações que a vida social nos instiga a fazer, mas é indispensável a procura por soluções, pois como se faz importante, como cientistas sociais, não devemos ficar apenas no lugar de denúncia, mas assumir também o lugar de anúncio. Apesar dos conhecimentos afirmativos e contribuintes já existentes sobre o tema pesquisado, os novos estudos são mote para mais questionamentos e descobertas, pois o tema sugere mais aprofundamentos.

Parece que, a cada tempo que passa, as sociedades constroem um mundo no qual não se conseguirá viver, pois são tantos e tamanhos os problemas que foram criados e que terão que ser enfrentados, em face da ignorância e do egoísmo, que parecem difíceis de serem trespassados e muito menos sem que se sofram graves ferimentos. Decerto, faz-se necessário um longo e árduo caminho, pautado pelo conhecimento, para uma nova realidade surgir, digna de viver em paz.

A redução na escola dos atos de preconceito e discriminação, em relação às diferenças de religião e religiosidade, requer o reconhecimento e o respeito ao direito da diferença com a

promoção do diálogo inter-religioso entre os membros da comunidade escolar e, no que pese ao objetivo deste trabalho, entre os estudantes.

Ademais, a discussão sobre a intolerância religiosa requer que os indivíduos reconheçam suas próprias atitudes intolerantes, identificando a repressão que emana de si, como meio de começar por si o processo de conhecimento e respeito com os outros, para, só depois, tomar providências sobre o que fazer com a intolerância alheia. É preciso reconhecer que a sociedade ou as sociedades são constituídas de indivíduos diferentes e, a partir daí, faz-se necessário e urgente assumirmos nossas diferenças e respeitarmos as diferenças dos outros para que as sociedades se tornem, de fato, uma unidade na diferença.

Essa pesquisa, com os seus resultados, cumpriu a missão de, além de detectar os acontecimentos sobre o tema pesquisado, deixar vislumbrar ou mesmo apontar caminhos que minorem ou que possibilitem uma abordagem melhor sobre o assunto, e sobre a sua problemática, pelos professores e pela sociedade em geral, considerando a colaboração que representa para a atualização do tema pesquisado.

Trata-se de um tema que exige contínuo esforço de estudo, no sentido de compreender as causas e os efeitos da religião e da religiosidade nas sociedades, haja vista que a religião e a religiosidade, presentes na vida do ser humano desde que nasce, contribuem na sua constituição, enquanto cidadão, direcionando suas ações para o bem e, também para o mal, por meio da exteriorização de suas concepções de pensamentos em suas práticas.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Cynara Sento-Sé; DWORAK, Krzysztof; OLIVEIRA, Sandra Célia Coelho G. S. S. de. Diversidade religiosa no Brasil contemporâneo: apontamentos introdutórios. In: MARTINS, Paulo Cezar Borges; OLIVEIRA, Sandra Célia Coelho Gomes da Silva S. de (organizadores). **Diversidade religiosa no Brasil contemporâneo**. Goiânia: Kelps. 2013.
- ALVES, Rubem A. **O que é religião**. São Paulo: Brasiliense. 1981. - (Coleção Primeiros Passos).
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. 1. Ed. São Paulo: Moderna. 1989.
- BALOGH, Iêda Rodrigues da Silva. Clube de desbravadores da igreja adventista 7º dia: vivência em grupo e aprendizagem não-formal. In: COSTA, Livia Alessandra Fialho da; MESSEDER, Marcos Luciano Lopes. **Educação, Memória e Pluralidade Cultural**. Salvador: UNEB/EDUNEB, 2017 (no prelo).
- BERGER, Peter Ludwig. B. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. [Organização Luiz Roberto Benedetti; tradução José Carlos Barcellos]. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985. (Coleção sociologia e religião; 2).
- BERGER Peter. L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Ed. 36. Petrópolis: Vozes. 2014.
- DESLANDES, Suely Ferreira. A construção do projeto de pesquisa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (organizadora); DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 24ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996. – (Coleção Tópicos).
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Tradução Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret. 2001. - (Coleção A obra-prima de cada autor).
- GAL, Roger. **História da Educação**. Tradução Álvaro Cabral. 1ª ed. Brasileira. São Paulo: Martins Fontes. 1989. (Coleção Universidade Hoje).
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.
- GIL, Gilberto. **Guerra Santa**. In.: Eletracústico. Intérprete: Gilberto Gil. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil Ltda., c2004. 1 CD. Faixa 13 (03min 59).

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (organizadora); DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 24ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual de pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte: Ânima. 2014. Disponível em: [http://disciplinas.nucleoead.com.br/pdf/anima\\_tcc/gerais/manuais/manual\\_quali.pdf](http://disciplinas.nucleoead.com.br/pdf/anima_tcc/gerais/manuais/manual_quali.pdf). Acesso em: 24.07.2016.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo : Atlas, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (organizadora); DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 24ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (organizadora); DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 24ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

PILETTI, Claudino; PILETTI, Nelson. **História da Educação**. 4. ed. São Paulo: Ática. 1995.

SILVA, Elizete da. **Campo religioso brasileiro: diálogos e conflitos**. Salvador: CMB/FPC, 2017. (Comunicação oral).

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Traduções Tomaz Tadeu da Silva. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SOUZA, Sueli Ribeiro Mota. Reflexões sobre protestantismo e pentecostalismo no Brasil contemporâneo. In: MARTINS, Paulo Cezar Borges; OLIVEIRA, Sandra Célia Coelho Gomes da Silva S. de (organizadores). **Diversidade religiosa no Brasil contemporâneo**. Goiânia: Kelps. 2013.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia de pesquisa**. Curitiba: IESDE Brasil S. A., 2005.

VIEIRA FILHO, Raphael Rodrigues. **Novo Guia de Orientações para apresentação de trabalhos acadêmicos: monografias e dissertações**. Salvador: DEDC I/UNEB, 2016.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo**. Tradução José marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEISS. Raquel. **Durkheim e as formas elementares da vida religiosa**. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/36520/23591>. Acesso em: 17.08.2015.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Traduções Tomaz Tadeu da Silva. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

